

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos
Nº 419 - Ano XIII - 20/05/2013 - ISSN 1981-8769



As imagens nos olham. Como ver o que nos olha?



Créditos: Ricardo Machado

Massimo Canevacci:

A palavra e o olhar. Uma relação que está na base da democracia ocidental

Erick Felinto:

A invenção de um mundo pelas imagens sintéticas

Tiago Lopes:

As novas relações entre as imagens técnicas e a identidade das cidades

E MAIS

Didier Ottaviani:

Dante, poeta do Absoluto e das metáforas divinas

Rita Codá:

Uma síntese cultural entre filosofia helênica, poesia, música e medicina

Anna Carolina Regner:

Uma nova relação entre regras e práticas a partir de Paul Feyerabend

As imagens nos olham. Como ver o que nos olha?

“O que vemos, o que nos olha” (São Paulo: Editora 34, 2010) é o título do livro de **Georges Didi-Huberman** que inspira a realização da XI Semana da Imagem na Comunicação, que ocorre de 20 a 23 de maio no campus da Unisinos, em São Leopoldo, e a edição da revista IHU On-Line desta semana.

Participam desta edição **Massimo Canevacci**, filósofo e antropólogo italiano, professor visitante na IEA-USP, que sustenta que há uma espécie de crise do olhar, onde o desafio é ter uma atitude e um treino para olhar.

Erick Felinto de Oliveira, professor na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, discute a questão de que vivemos em um espaço onde as imagens sintéticas, feitas por computador, não necessariamente correspondem ao olhar humano.

Tiago Ricciardi Correa Lopes, professor dos cursos de especialização em Cultura Digital e Redes Sociais e TV e Convergência Digital, na Unisinos, aborda o tema das imagens, suas produções e consumos na composição identitária das cidades.

Sonia Montaño, professora no Curso de Comunicação Digital da Unisinos, reflete sobre o acolhimento e fechamento a imagens audiovisuais no YouTube para pensar como elas nos olham neste espaço digital.

Flávio Dutra, fotógrafo, professor do Curso de Jornalismo da Unisinos, pensa na relação das imagens a partir do fazer fotográfico.

Cybeli Moraes, coordenadora do Curso de Comunicação Digital da Unisinos, reflete sobre a pausa audiovisual tentando compreender o que as imagens dizem e quais são seus fluxos.

Completam a edição mais duas entrevistas. **Didier Ottaviani**, filósofo francês, debate a obra de Dante, **Rita de Cássia Codá dos Santos**, expõe a obra **“Exortação aos Gregos”** de Clemente de Alexandria e que ela traduziu para o português.

Nesta semana estarão no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, **Anna**

Carolina Regner, filósofa, abordando o tema **“Razão, método e ciência em Feyerabend”**.

Heloisa Helena Barboza, professora da UERJ, proferirá a conferência **“A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade”**.

E o tema **“Pesquisa aplicada e o uso das engenharias em prol da sociedade”**, será debatido por **Jefferson Gomes**, gerente executivo do Senai, Brasília e por **Celso Peter**, responsável pela construção do **ITT CHIP – Instituto Tecnológico de Semicondutores Unisinos**.

Os eventos fazem parte da preparação do **XIV Simpósio Internacional IHU – Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades – A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea**, que ocorrerá de 21 a 24 de outubro de 2014. As respectivas entrevistas podem ser lidas nesta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

 **Instituto Humanitas Unisinos**
Endereço: Av. Unisinos, 950, São Leopoldo/RS. CEP: 93022-000
Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.

Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br).
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598 (ricardom@unisinos.br).
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos – Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altes e Mariana Staudt

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Massimo Canevacci:** A palavra e o olhar. Uma relação que está na base da democracia ocidental
- 9 **Erick Felinto de Oliveira:** A invenção de um mundo pelas imagens sintéticas
- 12 **Tiago Ricciardi Correa Lopes:** As novas relações entre as imagens técnicas e a identidade das cidades
- 14 **Baú da IHU On-Line**
- 15 **Sonia Montañó:** Os vínculos entre o audiovisual e os dispositivos contemporâneos
- 18 **Flávio Dutra:** A imagem como síntese da fotografia e do fotógrafo
- 20 **Cybeli Moraes:** Caminhos para ver o que nos olha

DESTAQUES DA SEMANA

- 24 **REPORTAGEM DA SEMANA:** Didi e a descoberta de ser visto
- 26 **ENTREVISTA DA SEMANA:** Didier Ottaviani: Dante, poeta do Absoluto e das metáforas divinas
- 32 **LIVRO DA SEMANA:** Rita Codá: Uma síntese cultural entre filosofia helênica, poesia, música e medicina
- 35 **Destaques On-Line**

IHU EM REVISTA

- 37 **Agenda de eventos**
- 38 **ENTREVISTAS DE EVENTOS**
- 38 **Anna Carolina Regner:** Uma nova relação entre regras e práticas
- 42 **Celso Peter:** Semicondutores: a grande revolução das últimas décadas
- 44 **Heloísa Helena Barboza:** A pessoa na era da biopolítica
- 46 **Retrovisor**
- 47 **Sala de Leitura**



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

A palavra e o olhar. Uma relação que está na base da democracia ocidental

“Liberar as coisas de serem úteis é a política antropológica – não cêntrica – colocada no fluxo da constelação metafetichista”, é a aposta do professor de antropologia cultural, arte e culturas digitais.

POR RICARDO MACHADO

Abandonar a perspectiva filosófica clássica, reforçada por Marx, de que o ser humano é a medida de todas as coisas é apenas um dos desafios para deslocarmos a ideia antropocêntrica do olhar. “A crise é do olhar, de desenvolver uma atitude e um treino para aprender a olhar, um olhar que modifica o olho, claro, talvez nesse sentido poderia aceitar a ‘crise do olho’. Mas uma crise construtivista, que pretende ir além do atual e não de ‘miopizar’ (outro péssimo neologismo) os olhos. A democracia ocidental é baseada sobre a relação entre palavra e olhar. Ágora é a praça e na praça eu posso escutar o político porque posso vê-lo”, provoca Massimo Canevacci, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “A crise antropocêntrica para mim significa distribuir os olhos em cada sujeito da natureza”, com-

plementa. O professor apresenta a palestra *Etnografia ubíqua e composição polifônica das imagens contemporâneas*, na segunda-feira, 20-05-2012, no Auditório Central da Unisinos, das 20h às 22h.

Massimo Canevacci é doutor em Letras e Filosofia pela Universidade La Sapienza – URS, na Itália, de onde é natural. Foi professor visitante na UFSC (2010-2011) e na UERJ (2012). Pesquisa etnografia, comunicação visual, arte, cultura digital. Desde março deste ano é professor visitante na IEA-USP. É autor de livros como *Antropologia da comunicação visual* (Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001), *Antropologia do cinema* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1990), *Fake in China* (Maceió: Edufal, 2011) e *Fetichismos visuais* (São Paulo: Atelier Editorial, 2008).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que medida o antropocentrismo condiciona nosso olhar sobre as imagens?

Massimo Canevacci – A filosofia clássica afirmou com Demócrito¹ que “o homem é a medida de todas as coisas” e Marx² repetiu esta citação no

seu livro mais famoso. O inteiro pensamento humanista é baseado sobre

os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A edição número 41 dos **Cadernos IHU Ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da **IHU On-Line**)

este assunto. Isso foi, ainda que em parte, elemento decisivo para afirmar a centralidade do ser humano (mais o “homem”) autônomo e livre que dão os condicionamentos religiosos ou irracionalisticamente míticos.

Esta visão humanística – no contexto histórico atual – tem alguns limites. É a relação entre humanismo e antropocentrismo que precisamos focalizar melhor. Com o segundo conceito, entende-se que o centro com relação à natureza é o *antropos* (isto é não homem, mas homem e mulher). Esta centralidade precisa ser questionada. A natureza em geral (seja a chamada “primeira natureza”, seja a chamada “segunda natureza” – objetos, merca-

¹ Demócrito de Abdera (480 a. C. - 380 a. C.), filósofo grego sucessor de Leucipo de Mileto. Sua fama decorre do fato de ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo. De acordo com essa teoria, tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. (Nota **IHU On-Line**)

² Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre

dorias, etc.) virou território de domínio da razão instrumental que achava a potencialidade de “extrair” coisas infinitas.

O centrismo é a tendência a centralizar sobre um elemento (étnico, sexual, esportivo, individual) em contraposição aos outros. Uma antropologia progressiva deseja criticar cada forma de centrismo. Em relação ao específico antropocentrismo, precisamos elaborar um pensamento prático, diria um treino filosófico descentrado, pelo qual cada pessoa poderia imaginar que uma floresta perdida, uma coisa banal, um objeto biográfico, uma onda do mar, o *www*, a obra de Michelangelo³ é um centro. Dessa maneira, configuramos uma constelação móvel policêntrica, polifônica e polimorfa: e o ser humano é parte desta constelação, nunca mais o centro.

IHU On-Line – É possível enxergar fora de um critério antropocêntrico e etnocêntrico?

Massimo Canevacci – Sim, é possível, mas é complicado pela resistência não somente econômica de colocar a estrutura produtiva como centro instrumental das relações com o mundo, mas também pela longa história psicocultural que imaginou (e praticou) este centrismo como a base da autoafirmação do sujeito racional. Este modelo histórico está claramente em crise.

A universidade expandida nas culturas digitais poderia elaborar uma sua filosofia antropológica e talvez um projeto pragmático para mudar o posicionamento político de cada sujeito. Vou resumir de maneira bastante sintética o que tenho pensado: uma visão, uma imaginação exata de olhar em direção de um metafetichismo, um fetichismo além do poder reificado das mercadorias ou de uma política autocentrada, poderia precur-sar uma visão onde o dualismo entre orgânico e inorgânico, objeto e sujeito, mercadoria e coisa, ser e natureza, tendencialmente vá a acabar. Imagino um movimento de libertação dos objetos inorgânicos que eu gosto de chamar facticidade. Liberar as coisas de ser útil é a política antropológica – não cêntrica – colocada no fluxo da constelação metafetichista.

3 **Michelangelo** (“Miguel Ângelo”) di Ludovico Buonarroti Simoni (1475-1564) foi um pintor, escultor, poeta e arquiteto renascentista italiano. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Que diferenças percebe entre olhar e ver? Em uma sociedade imagética como a nossa, como se apresenta essa dicotomia?

Massimo Canevacci – Esta distinção é muito difícil de precisar. O vocabulário não nos ajuda muito. Eu posso olhar tudo sem ver nada. Talvez seria possível elaborar uma clareza neste dualismo que, obviamente, eu não gosto. Penso a disposição de um sujeito a um olhar passivo como maravilhosa. Passivo não significa, porém, inconsciente, subordinado, “feminilizado”. Um olhar que incluía o ver e que se oponha dicotomicamente. A comunicação visual que prolifera na frente e talvez na interioridade dos nossos olhos é a metodologia que precisamos aplicar. Uma metodologia nunca mais externa, mas interna dos corpos dos olhos. Um corpo cheio de olhos.

IHU On-Line – O senhor, em outra entrevista, considerou que o tema da “XI Semana da Imagem – Para entender as imagens: como ver o que nos olha?” é um convite a nos tornarmos olho. Como explicar essa afirmação?

Massimo Canevacci – Eu sei que a dimensão polissensorial é sempre mais constitutiva de um ser humano mais aberto e, de novo, polimorfo. Ao mesmo tempo, acho que os olhos e o olhar em geral continuam a ser muito mais importantes que o cheirar, o provar/palatar e o ouvir. A música atual (mas acho a música em geral) parece que não tem “sentido” sem vê-la no *hic et nunc* da sua própria elaboração. Às vezes, ver a música é mais importante que ouvi-la. Lembro um fragmento do livro de Thomas Mann⁴, *Doctor Faustus*⁵, onde ele afirma que

4 **Thomas Mann** (1875 - 1955): romancista alemão, considerado como um dos maiores do século XX. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich. Ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks* (*Buddenbrooks*), romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da IHU On-Line)

5 **“Doutor Fausto”** é uma obra com a qual Thomas Mann constrói um universo social de artistas e intelectuais. Narrada pelo amigo e professor Zeitblom, é a história do músico Adrian Leverkühn, que, como o Fausto da lenda, vende a alma ao Diabo a fim de viver o suficiente para realizar sua grande obra.

algumas obras musicais supremas, tipo a arte da fuga de Bach⁶, deveria ser lida, não musicada. Mas cada clip mais banal de **Vídeo Music** é aceito mais pela qualidade das imagens que pelo estilo musical. Ou seja, a montagem das imagens é parte constitutiva do ritmo, mais que os instrumentos musicais ou a voz do cantor(a). Participar ao vivo na primeira fila de um concerto rock ou de uma ópera de Puccini⁷ é diferente de escutar ao morto no próprio CD. O olhar fixa a música e favorece um entendimento sensorial melhor que o simples escutar.

Multissensorialidade

Quero dizer que a multissensorialidade é importante sem dúvida, mas que, ao mesmo tempo, no corpo polimorfo multissensorial o olho é ainda antropologicamente dominante. Queria lembrar a análise de Freud⁸

6 **Johann Sebastian Bach** (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2007, ofereceu três audições comentadas sobre o compositor, divididas em 29 e 30 de março deste ano, sob condução da Prof^a. Dr^a. Yara Caznok, da UNESP. Em 29 de março o tema foi A expressão musical da fé em Bach e Mozart, quando fez uma audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K427, de Mozart. No mesmo dia, Caznok comentou o Oratório de Ascensão BW 11, de Bach. Em 30 de março, conduziu a audição comentada de A paixão de Cristo segundo São João - BWV 245. No evento Páscoa IHU 2009, Caznok conduziu o IHU Idéias Uma narrativa do mistério em Johann Sebastian Bach, com a audição comentada de *Ich hatte viel Bekümmernis*, BWV21. (Nota da IHU On-Line)

7 **Giacomo Puccini** (1858-1924): Compositor de óperas italiano. Suas óperas estão entre as mais interpretadas atualmente, entre essas estão *La bohème*, *Tosca*, *Madama Butterfly* e *Turandot*.¹ 2 Algumas das árias das suas óperas, como “O mio babbino caro” de Gianni Schicchi, “Che gelida manina” de *La bohème* e “Nessun dorma” de *Turandot* tornaram-se parte da cultura popular. (Nota da IHU On-Line)

8 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande

sobre a mutação radical do *Homo sapiens* quando transita de uma centralidade sexual baseada no nariz à afirmação da supremacia do olhar. *Homo sapiens* é tal porque aprendeu a olhar nos olhos do outro o prazer do amor. O cheiro do (e no) amor é ainda importante, mas a irresistível higienização desodorada do corpo pode ser interpretada como uma declaração de subordinação ao olhar. Os olhos não podem ser higienizados ou “de-olhado”, par inventar um péssimo neologismo. Eu sou o olho que apreende continuamente o desejo intelectual de imaginar o que ainda não existe. Um olho pensante. Olhos “reflitentes”. Agora digo o seguinte: a extrema sensualidade do olho fica na sua impossibilidade de ser acariciado, beijado, penetrado. A história do olho não é só aquela de Bataille⁹: nele – no olho – se coagula o máximo desejo de possuí-lo sem possibilidade nenhuma de conseguir este desejo. Por isso o desejo do olho continua e nunca poderia ser “de-olhado”.

Desejo

O ser humano continua a desejar porque nunca poderia possuir o limite do seu desejo: ultrapassar as pálpebras e lambar a pupila. Os cílios são os últimos guardiões. Depois a íris se expande e retrai no encontro com a luz do outro. O cristalino, o bulbo, a retina: a inteira geografia do aparato visual é uma festa extrema que se

pode fixar, mas nunca beijar. É defendida por uma tênue linha de pele e justamente esta sutileza da pálpebra é a sua força. Eu queria beijar os teus olhos. Por isso te amo ainda, porque nunca consegui realizar este desejo supremo. Um escritor italiano, Pavese¹⁰, escreveu uma poesia assim: *verrà la morte e avrà i tuoi occhi*. Os olhos do amor são imortais. Não se poderia dizer o mesmo das orelhas ou do nariz.

IHU On-Line – Dentro deste debate, poderíamos pensar em uma “crise do olho” como sentido dominante na cultura ocidental?

Massimo Canevacci – Não. A crise é do olhar, de desenvolver uma atitude e um treino para aprender a olhar, um olhar que modifica o olho, claro, talvez nesse sentido poderia aceitar a “crise do olho”. Mas uma crise construtivista, que pretende de ir além do atual e não de “miopizar” (outro péssimo neologismo) os olhos. A democracia ocidental é baseada sobre a relação entre palavra e olhar. **Ágora** é a praça e na praça eu posso escutar o político porque posso vê-lo. A crise antropocêntrica para mim significa distribuir os olhos em cada sujeito da natureza.

IHU On-Line – Traçando um paralelo entre técnica e cultura, como podemos pensar a multiplicação de imagens e de dispositivos de produzi-las?

Massimo Canevacci – A técnica sempre foi parte constitutiva da cultura, em cada contexto histórico diferente. Nesse sentido, a multiplicação de imagens e do sujeito que as realizam (sujeito pós-orgânico) é exatamente a visão de uma democracia menos ocidental e antropocêntrica e mais descentrada. Espero sempre que um genial inventor como Tim Berners-Lee¹¹, aquele da web e do seu uso sem controle de Esta-

do, consiga imaginar a autogeração de imagens no corpo de cada facticidade. Imagens autogeradas são parte de um futuro mais vivível e com menos Berlusconi¹² ou Silvio Santos, isto é, os donos de uma TV generalista e vertical que reproduz o pior do ser humano.

IHU On-Line – O que essa difusão de imagens diz sobre nossa cultura?

Massimo Canevacci – Pergunta difícil. Talvez precisamos criticar mais radicalmente o prejuízo de Platão e de muitas religiões ou da filosofia atual contra as imagens. O medo da imagem e da sua imaterialidade. Por isso, seria filosoficamente melhor imaginar as imagens material/imaterial, além do dualismo clássico que reproduz este preconceito. Em um filme “banal” (ou b-movie), *Crocodile Dundee*, lembro sempre uma sequência formidável. No bush australiano, uma jovem antropóloga queria fotografar o nativo (“aborígene”). Ela aponta a câmera e ele diz: “Não, não!” (Ela havia estudado os clássicos). “Ah, claro, desculpe, você acha que a imagem rouba a sua alma” – e ele responde. “Não é isso. Você tem o obturador no olho da câmera”.

Muitos filósofos e antropólogos acham ainda que a imagem captura a alma ou o coração de uma pessoa. Um pensamento mágico no sentido mais atrasado permanece vivo. Por isso, eu espero que se poderiam sempre mais selecionar as imagens no sentido de boas, interessantes, experimentais, feias, maravilhosas, preconceituosa etc. A imagens que eu gosto são aquelas que ainda não vi. E que me colocam em uma dimensão de estupor, abrindo a porosidade do meu corpo.

IHU On-Line – Como podemos pensar o conceito de “fetichismo visual” de seu livro *Fetichismos visuais – corpos erópticos e metrópole comunicacional* (2008)?

12 Silvio Berlusconi (1936): líder político do partido Força Itália, que criou especificamente para sua entrada na vida política. É o proprietário do império midiático italiano Mediaset, além de empresário de comunicações, bancos e entretenimento. É a pessoa mais rica da Itália, segundo a revistas Forbes, e o 37º mais rico do mundo. Pela segunda vez é o primeiro-ministro da Itália. Foi acusado inúmeras vezes de corrupção e ligações com a Máfia. Gerou polêmica na Europa ao apoiar a Guerra dos EUA contra o Iraque, em 2003. (Nota da IHU On-Line)

cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível para download em <http://migre.me/s8jF>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da IHU On-Line)

9 Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. O erotismo, a transgressão e o sagrado são temas abordados em seus escritos. Sua correspondência foi publicada em 1997 pela Gallimard sob o título *Choix de lettres 1917-1962*. Grande parte de sua obra não foi traduzida para o português. (Nota da IHU On-Line)

10 Cesare Pavese (1908 - 1950): Escritor e poeta italiano. Passou um ano na prisão em Barcaleone (Reggio Calabria), comprometido por amigos políticos; passou algum tempo em Roma em trabalho para a editora Einaudi, da qual foi um dos mais eficazes conselheiros editoriais; suicidou-se em Turim em 1950.

11 Timothy John Berners-Lee (1951): É um físico britânico, cientista da computação e professor do MIT. É o criador da World Wide Web (Rede Mundial de Computadores - Internet, tendo feito a primeira proposta para sua criação em março de 1989.

Massimo Canevacci – Talvez na perspectiva diagonal que libera a inclinação mais perturbadora: aprender a se inclinar e diagonalizar significa que nada é instintual ou natural no processo de perceber o que está acontecendo aqui e agora. Já apresentei a inclinação do meta-fetichismo, como uma possibilidade de ir além da identificação fetichismo / reificação / perversidade.

Um corpo erótico exprime a tendência de liberar o fetichismo também da tradição cristã que o identifica com condição animista, mágica, supersticiosa, etc. Aprender a favorecer a criação de imagens multissensoriais que excitam a pupila a sair de si mesma e rolar entre a tela do seminário e os olhos dos participantes, e – se via stream – também entre os olhares de um público observador ativo e cocriador.

IHU On-Line – Em termos metodológicos, que alternativas podem ser postas às análises acadêmicas que se debruçam sobre os estudos das imagens?

Massimo Canevacci – O conceito-chave – que influencia e mistura valores declarados em sentido progressivo, métodos etnográficos descentrados, teorias críticas experimentais – é autorrepresentação. Nessa visão, o etnógrafo ou comunicador em geral estão legitimados para interpretar o outro – através da comunicação visual ou composições performáticas – apenas quando estão disponíveis para se deixar interpretar pelo outro. Esta dialógica e este desafio apresentam uma epistemologia transitiva da representação. Assim, método etnográfico indisciplinado, teoria crítica experimental, autorrepresentação polifônica e sujeitos transitivos configuram a pesquisa em forma de constelação móvel. Emerge uma etnografia ubíqua baseada sobre tensões sincréticas e polifônicas de verificar empiricamente entre identidades flutuantes, fetichismos visuais, culturas digitais. A metrópole muda e o tríplice comunicação / cultura / consumo é sempre mais determinante na experiência cotidiana em particular das culturas juvenis e se insere nos fluxos contemporâneos da autorrepresentação, praticados nos interstícios transurbanos e nas redes sociais digitais.

Cidadania transitiva

Nesse contexto, uma deslocante cidadania transitiva – participada

na metrópole comunicacional em conexão com identidades flutuantes – apresenta uma crítica política horizontal sobre a divisão comunicacional do trabalho: uma crítica pragmática além do poder vertical de “quem representa quem”. Este movimento transitivo se manifesta em direção de espontâneas narrativas descentradas, performances urbanas, fluxos digitais, exata mistura de arte, publicidade, design, arquitetura, cinema, música, moda, esporte. Por isso entre “quem representa” e “quem é representado” há um nó linguístico específico, relativo ao que chamo “divisão comunicacional do trabalho”, que precisa ser enfrentado nos métodos e nas pragmáticas. Entre quem tem o poder de enquadrar o outro e quem deveria continuar a ser enquadrado – para ser um eterno panorama humano –, ossificou-se uma hierarquia da visão, que é parte de uma lógica dominante a ser posta em crise na sua presumida objetividade.

As novas subjetividades que estão se afirmando como “outras” têm a vantagem de poder usar as tecnologias digitais que favorecem esta descentralização com um efeito de ruptura não comparável com o analógico. Facilidade de uso, redução dos preços, aceleração das linguagens, descentralização de ideação, *editing*, consumo. A divisão comunicacional do trabalho entre quem narra e quem é narrado – entre auto e heterorrepresentação – penetra na contradição emergente entre produção das tecnologias digitais e uso destas mesmas tecnologias por sujeitos ubíquos com autônomas visões do mundo. Sincretismos culturais, pluralidades de sujeitos, polifonias de linguagens: esta é a premissa valorativa e metodológica das representações transitivas que apoia criatividade indisciplinadas. Enfim, estou trabalhando sobre o “estupor metodológico”, mas quero falar na próxima entrevista sobre esta “maravilha”.

IHU On-Line – Existem fronteiras para pensar distintamente os fenômenos sociais e comunicacionais ou a contemporaneidade é marcada pela indistinção das áreas de conhecimento?

Massimo Canevacci – A pergunta explícita o problema. São as fronteiras, os espaços mais significativos da

pesquisa atual. São as fronteiras clássicas, que são cruzadas sempre mais pela subjetividade diaspórica, que não conseguem ficar paradas no seu território nativo, nas suas raízes obscuras e inflexíveis, e por isso desafia as regras e clandestinamente cruza a linha. Mas também as fronteiras digitais ou epistemológicas, aquelas que desejam favorecer a indisciplina como desafio de uma universidade compartimentalizada que não pode continuar a sobreviver entre faculdade, departamentos, currículos delimitados e cerrados como prisão. Os centros das pesquisas são sempre mais culturas, individualidades, identidades, que decidem movimentar o seu próprio estatuto, cruzar e mesclar – sincretizar – as fronteiras culturais e ainda mais políticas. Olhar a linha da fronteira significa indisciplinar e inclinar as áreas e os modelos de conhecimento. E tentar de descobrir além de, às vezes, praticar o que ainda não é imobilizado pelo conceito.

Leia mais...

>> Massimo Canevacci já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *A luta antimanicomial como uma luta cultural*. Publicada na Edição 391, de 07-05-2012, disponível em <http://bit.ly/K67xDs>
- *Comunicação horizontal e cidadania transitiva: a construção de um novo modelo democrático*. Publicada nas notícias do dia 30-08-2011, disponível em <http://bit.ly/11Rihnt>
- *A filosofia atrás de uma muralha?* Publicada na Edição 379, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/sMpQ3C>
- *Love Parade: corpos conectados pelo amor erótico. Entrevista especial com Massimo Canevacci*. Publicada nas notícias do dia 11-08-2010, disponível em <http://bit.ly/14nvISX>
- *Enredos amorosos entre os bororos*. Publicada nas notícias do dia 21-08-2007, disponível em <http://bit.ly/10g7SyD>
- *Comunicação digital. Poros, pesquisa e desafios*. Publicada nas notícias do dia de 15-05-2007, disponível em <http://bit.ly/10euUTg>

A invenção de um mundo pelas imagens sintéticas

Para o pesquisador Erick Felinto de Oliveira, o contexto sociotecnológico permitiu a criação de espaços digitais que ampliaram a possibilidade do olhar

POR RICARDO MACHADO

“Vivemos num contexto em que as imagens sintéticas produzem mundos que já não precisam mais corresponder ao olhar humano. Por outro lado, nossa fisiologia e mecanismos de percepção se desenvolveram em relação com os processos tecnológicos. O interessante é dissolver separações radicais entre o humano e o tecnológico, entendendo que temos com a tecnologia uma relação de co-determinação”, explica o professor e pesquisador Erick Felinto, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ele, é difícil deslocar o olhar sobre o mundo de uma posição antropocêntrica. Mas há algum tempo que existe um movimento de deslocar o pensamento deste eixo. “Pensadores como Walter Benjamin, Gabriel Tarde, Gilbert Simondon e, mais recentemente, Bruno Latour fazem parte dessa tradição, assim como boa parte da chamada ‘filosofia da técnica’”, sustenta.

Erick Felinto de Oliveira é doutor em Literatura Comparada pela UERJ/UCLA e tem pós-doutorado em Comunicação pela Universität der Künste, Berlim. É pesquisador do CNPq e professor adjunto na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, instituição em que realiza pesquisas sobre cinema e cibercultura. É autor de, entre outros, *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura* (Porto Alegre: Sulina, 2005); *A imagem espectral: cinema e fantasmagoria tecnológica* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2008); *Silêncio de Deus, Silêncio dos Homens: Babel e a Sobrevivência do Sagrado na Literatura Moderna* (Porto Alegre: Sulina, 2008); *Avatar: o Futuro do Cinema e a Ecologia das Imagens Digitais* (com Ivana Bentes. Porto Alegre: Sulina, 2010); e *O Explorador de Abismos: Vilém Flusser e o Pós-Humanismo* (com Lucia Santaella. São Paulo: Paulus, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como deslocar o olhar do antropocentrismo e qual a importância deste movimento?

Erick Felinto de Oliveira – Esse é um exercício difícil e, em certa medida, experimental, pois nossa posição natural é antropocêntrica. Todavia, já há algum tempo vem se formando uma tradição de pensamento que busca escapar dessa armadilha, oferecendo ontologias e formas de pensamento não (ou não inteiramente) antropocêntricas. Pensadores como Walter Benjamin¹, Gabriel

Tarde², Gilbert Simondon e, mais recentemente, Bruno Latour³, fazem

ção em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

2 **Jean-Gabriel de Tarde** (1843-1904): filósofo, sociólogo, psicólogo e criminologista francês.

3 **Bruno Latour** (1947-): filósofo francês, é um dos fundadores dos chamados Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT). É reconhecido, entre outros trabalhos, por sua contribuição teórica - ao lado de outros autores como Michel Callon e John Law - no desenvolvimento da ANT - Actor Network Theory (teoria ator-rede) que, ao analisar a ativida-

parte dessa tradição, assim como boa parte da chamada “filosofia da técnica”. Ela é importante de modo a perspectivar a própria ideia do humano, que se reconfigura historicamente de forma contínua, de modo que não existe apenas “um” modelo possível

de científica, considera tanto os atores humanos como os não humanos, estes últimos devido à sua vinculação ao princípio de simetria generalizada. Sobre ele, leia uma entrevista concedida pela pesquisadora Leticia de Luna Freire à **IHU On-Line**, intitulada “A ciência em ação de Bruno Latour” e publicada na edição número 416, de 29-04-2013, disponível em <http://bit.ly/105C9MU> (Nota da IHU On-Line)

1 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodu-

do humano, mas vários. Por outro lado, também pode nos auxiliar na busca de novas formas de relacionamento com os seres não humanos que habitam nosso entorno (os animais, os objetos, os aparatos técnicos).

Uma forma de deslocar esse olhar é professar uma visão de mundo fundada na teoria ator-rede, por exemplo, na qual os acontecimentos não são única e principalmente determinados por atores humanos, mas se efetivam num “imbróglio” de relações complexas onde nem sempre é possível identificar quem (ou o quê) é o principal agente. Vilém Flusser⁴ sugeria um outro método, bem menos ortodoxo e, digamos, “acadêmico”, ao defender a ideia de ficções filosóficas nas quais, por meio de exercícios imaginativos filosoficamente embasados, poderíamos imaginar outros modelos do humano ou outras formas de enxergar o não humano.

IHU On-Line – Em que medida uma mudança de visada, se colocando no lugar das tecnologias, nos permite compreender melhor a multiplicidade de imagens no contemporâneo?

Erick Felinto de Oliveira – Vivemos num contexto em que as imagens sintéticas produzem mundos que já não precisam mais corresponder ao olhar humano. Por outro lado, nossa fisiologia e mecanismos de percepção se desenvolveram em relação com os processos tecnológicos. O interessante é dissolver separações radicais entre o humano e o tecnológico, entendendo que temos com a tecnologia uma relação de codeterminação. O digital reconfigurou radicalmente nossa relação com a imagem, dado que ampliou nossas possibilidades de reprodução e manipulação. Ao mesmo tempo, reuniu imagens, sons, textos em uma base digital única (os bits,

4 Vilém Flusser (1920-1992): filósofo tcheco, naturalizado brasileiro. Autodidata, durante a Segunda Guerra, fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. Leia a edição número 399 da IHU On-Line, de 20-08-2012, intitulada “Vilém Flusser: Um comunicólogo transdisciplinar” e está disponível em <http://bit.ly/Sf21WH> (Nota da IHU On-Line)

“A imagem ainda é um interessante instrumento de análise cultural”

pixels etc.). Segundo Friedrich Kittler⁵, isso significa que toda a significação passou a atravessar um gargalo único e isso traz para nossa sociedade uma centralidade do tecnológico que só agora conseguimos enxergar com maior clareza.

IHU On-Line – Na perspectiva da XI Semana da Imagem – Para entender as imagens: como ver o que nos olha – que pistas indicam um caminho mais livre para “desaprisionar” a subjetividade?

Erick Felinto de Oliveira – Existem muitos caminhos. Um caminho que me atrai é pensar a dimensão não semântica das imagens. Isso não quer dizer desprezar a capacidade de significação da imagem, mas complementá-la com uma atenção àquilo que as imagens produzem que é de ordem não hermenêutica: afetos, sensorialidades, sensações. Hoje, mais do que nunca, se discute o tema da “hapticidade” da imagem no cinema, na arte digital, etc. Exemplos de pesquisas que tentam explorar essa dimensão – que para mim tem tudo a ver com uma cultura do entretenimento – encontramos nas propostas de autores como Gumbrecht⁶, Laura Marks⁷, Mark Hansen⁸ e o próprio Flusser, entre outros.

5 Friedrich A. Kittler (1943 - 2011): foi um teórico de literatura e historiador da mídia, conforme se autodefiniu. Seu trabalho está relacionado mídias e tecnologias.

6 Hans Ulrich Gumbrecht (1948): é alemão e se dedica a estudos de teorias literárias. É professor do departamento de literatura comparada da França, Itália, Alemanha, Espanha e Brasil nas universidades de Stanford e Zeppelin. (Nota da IHU On-Line)

7 Laura U. Marks: É norte-americana, artista e teórica de mídia. É autora de três livros, entre eles, *Enfoldment and Infinity: An Islamic Genealogy of New Media Art* (MIT Press. 2010). (Nota da IHU On-Line)

8 Mark B. N. Hansen: estudioso norte-

IHU On-Line – O que as imagens podem dizer sobre nossa identidade cultural?

Erick Felinto de Oliveira – Elas sempre dizem muito, mas hoje, especialmente no âmbito da internet, podem dizer ainda mais sobre a dimensão transcultural de um mundo inteiramente interligado. Veja-se o exemplo do destino de uma imagem banal (do Bert, da rua Sésamo) que é traçado através de vários cenários interculturais na obra de Henry Jenkins⁹, *A Cultura da Convergência* (Editora Aleph, 2008. 432 p.).

Claro, a imagem ainda é um interessante instrumento de análise cultural, e nesse sentido o trabalho de alguns artistas do “oriente” me interessa profundamente. No cinema, a obra de Nacer Khemir¹⁰ trabalha a dimensão cultural da imagem sem criar exotismos ou produzir estereótipos. A beleza do seu cinema é desenvolver, digamos, “ambiências orientais” que tocam nosso diapasão afetivo de uma forma na qual as fronteiras entre o local e o universal se dissipam. “Paisagens transculturais” é um termo que tem sido usado recentemente para falar de certo comércio de imagens onde as fronteiras tendem a ser relativizadas, mas onde o outro também nunca é domesticado ou reduzido ao idêntico. Aprecio as imagens com as quais consigo me identificar, mas que ao mesmo tempo me provocam estranheza e, assim, me permitem desenvolver um outro olhar sobre o mundo. Daí vem minha apreciação por tudo aquilo que é da ordem do esquisito, do estranho, como, por exemplo, o cinema de fantasia ou de horror.

IHU On-Line – Que contribuição a filosofia pode nos dar no sentido de “desnaturalizarmos” o pensamento e

americano de estudos culturais, teoria da mídia, filosofia e novas mídias e fenomenologia e ciência cognitiva. (Nota da IHU On-Line)

9 Henry Jenkins: é um norte-americano que fundou o programa de estudos de mídia comparada do MIT, dedicado à pesquisa dos fenômenos envolvidos no processo de convergência entre os novos meios de comunicação e os meios tradicionais. (Nota da IHU On-Line)

10 Nacer Khemir (1948): é um tunisiano escritor, artista, roteirista e cineasta. (Nota da IHU On-Line)

conseguirmos compreender o que nos olha?

Erick Felinto de Oliveira – Ela é enorme, sem dúvida, e é uma pena ver que em áreas como a comunicação a filosofia ainda seja encarada com alguma desconfiança. Despida de ranços classicistas ou metafísicos, a filosofia é um exercício do pensamento que muito poderia colaborar para precisar conceitos que, na comunicação, são usados como autoevidentes (a noção de “meio”, por exemplo).

Poucos filósofos, aliás, colaboraram mais para o aprofundamento do tema da imagem que Walter Benjamin. O “Trabalho das passagens”, por exemplo, é uma verdadeira aula de método investigativo no qual a “fisiognomia” da modernidade é esboçada por meio das imagens (mesmo as mais triviais) que produziu, como uma espécie de “leitura” das ruínas e dos materiais descartados, aos quais muitas vezes não damos a devida atenção. De fato, penso que existem dois grandes pensadores das imagens aos quais devemos retornar para compreender bem a problemática da imagem técnica e da nossa relação com a arte: Walter Benjamin e Aby Warburg¹¹, cujo projeto “Atlas” também implica uma tentativa de produzir um método verdadeiramente “visual” de “leitura” das imagens produzidas pela cultura.

IHU On-Line – O que são imagens meméticas e que relação elas têm com o que é considerado habitualmente como banalidade?

Erick Felinto de Oliveira – O termo “meme”, que pretendo criticar na minha apresentação¹², deriva da biologia e é decalcado da genética. O meme é aquilo que se reproduz e passa adiante na cultura, em gestos de

imitação que supõem a sobrevivência do mais apto (por exemplo, das imagens ou narrativas mais “aptas”). Não obstante os problemas dessa terminologia, ela é uma forma conveniente de nomear, por exemplo, aquelas imagens da cultura da internet que se propagam ao longo do tempo e que podem dar origem a inúmeras “subespécies” ou variantes. Na minha fala, pretendo discutir as imagens de “Grumpy Cat”, um meme que ficou tão famoso que transbordou o domínio do digital, gerando um personagem que é célebre hoje na televisão e que se tornou até objeto de interesse de artistas.

IHU On-Line – Como pensar a construção de novas metodologias e conceitos em um contexto pós-moderno?

Erick Felinto de Oliveira – Pergunta impossível de ser respondida numa entrevista. Algumas pistas foram dadas anteriormente. Digo apenas que a própria noção de “metodologia” deveria ser repensada em muitas de suas bases. Claro, não se trata de abandonar ou minimizar a ideia de metodologia, mas de repensar suas implicações totalitárias nas ideias, por exemplo, de uma ciência que produz “verdade” ou de um conhecimento livre de interesse. Gumbrecht apresenta uma interessante (apesar de breve) crítica da metodologia – especialmente no domínio das ciências humanas – em seu penúltimo livro *Stimmungen Lesen* (Über eine verdeckte Wirklichkeit der Literatur. München, 2011), que traduzo como “Ler ambiências”, mas infelizmente não seria possível reproduzir o argumento aqui nesse espaço. Recomendo, todavia, a leitura do livro aos que se interessam pelo tema. Agora existe já tradução em inglês.

IHU On-Line – Qual a importância de compreender as imagens em nossa sociedade?

Erick Felinto de Oliveira – Bom, vivemos numa cultura profundamente imagética, não? Todos deveríamos aprender a “ler” as imagens, e penso que o cinema é uma dimensão das experiências tecnológicas onde poderíamos desenvolver belamente

essas habilidades. É curioso também perceber que a mesma resistência que certos setores da comunicação têm com relação à filosofia se reproduzem no caso do cinema ou mesmo da cibercultura – entendida por alguns como algo que não é da ordem da “comunicação”. Mas, afinal, quem sabe o que é comunicação? Estou ainda à espera de alguém que me esclareça quanto a isso.

Eu digo com enorme convicção: o cinema é uma das mais importantes ferramentas para entender circuitos e práticas comunicacionais da contemporaneidade, bem como as relações entre estética e comunicação. A ausência de uma cultura cinematográfica é um dado deplorável entre muitos pesquisadores de comunicação. Enquanto na França se aprende a ler e investigar o cinema em nível de segundo grau, aqui não temos o costume de oferecer uma educação dos cidadãos para a mídia. Precisamos ensinar as pessoas não apenas a pensar criticamente sobre os meios, mas também a se apropriar deles, de modo a criar um cenário comunicativo mais polivalente e múltiplo. E entender alguns modos de “funcionamento” das imagens é fundamental para isso.

Leia mais...

>> Erick Felinto já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *Um teórico barroco?* Publicada na edição número 399, de 20-08-2012, disponível em <http://bit.ly/SJYrjc>
- *Um futuro complexo, híbrido, incerto e heterogêneo.* Publicada na edição número 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/orp7tJ>
- *A era da memória total e do esquecimento contínuo.* Publicada na edição número 368, de 04-07-2011, disponível em <http://bit.ly/mGxCcU>

¹¹ **Aby Warburg:** alemão, famoso historiador da arte do início do século XX, que, imbuído de um olhar antropológico, descobrira um vínculo entre a cultura dos índios hopis do Novo México e a civilização do Renascimento. (Nota do IHU On-Line)

¹² O professor falará sobre o tema “Grumpy cat, Grande Mestre Zen da Geração Digital (Afetos e Materialidades da Imagem Memética)”, no próximo dia 21 de maio das 20h às 22h, no Auditório Central da Unisinos, em São Leopoldo, durante a programação da Semana da Imagem. Mais informações em <http://bit.ly/11ReeaL> (Nota da IHU On-Line)

As novas relações entre as imagens técnicas e a identidade das cidades

As tecnologias contemporâneas, em vez de afastarem as pessoas da experiência “off-line”, as aproximam de experiências urbanas, avalia o professor Tiago Ricciardi Correa Lopes

POR RICARDO MACHADO

Depois de muitos analistas de mercado nas décadas de 1980 e 1990 projetarem um futuro em que as imagens técnicas possibilitariam a criação de espaços digitais fidedignos à realidade concreta, para o professor Tiago Ricciardi Correa Lopes, o que vivemos atualmente é uma virada em relação a essa previsão “otimista”. “As imagens estão sendo utilizadas, cada vez mais, com a finalidade de possibilitar variadas formas de conexão entre os espaços urbanos e seus habitantes”, avalia ele em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Nesse sentido, novas experiências na produção e consumo de produtos audiovisuais têm surgido no cenário contemporâneo. “É desde essa perspectiva que venho observando a emergência de novos formatos narrativos que se fundam no potencial expressivo dos espaços físicos e geográficos ativado pelas tecnologias imagéticas: experiências como as de cinema locativo, que demandam o deslocamento físico do espec-

tador pela cidade para acessar as partes do filme, que, por sua vez, são assistidas em telas de telefones celulares, indicam a fusão entre zonas fronteiriças que conectam universos on e off-line”, complementa.

Tiago Ricciardi Correa Lopes é doutorando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Unisinos, onde também fez mestrado na mesma área, e atualmente é professor nos cursos de graduação em Publicidade e Propaganda, Comunicação Digital, Jogos Digitais e Realização Audiovisual, dando também aulas nos cursos de especialização em Cultura Digital e Redes Sociais e TV e Convergência Digital, coordenando o Grupo de Estudos em Narrativas Interativas, vinculado ao curso de graduação em Jogos Digitais. Ele fez a graduação em Publicidade e Propaganda pela ESPM-RS e é o representante da sociedade civil no Conselho Deliberativo da Fundação Cultural Piratini.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como pensar as imagens como elementos narrativos das cidades?

Tiago Lopes – Atualmente, as tecnologias informacionais estão potencializando a produção de imagens técnicas que se voltam para o território urbano: mapas digitais, grafites eletrônicos, aplicativos para dispositivos móveis baseados em realidade aumentada, projeções mapeadas em fachadas de prédios e tantas outras manifestações imagéticas de nosso tempo apontam para novas relações que estão sendo estabelecidas entre o universo das imagens técnicas e a

identidade das cidades. Nesse sentido, as imagens estão sendo utilizadas, cada vez mais, com a finalidade de possibilitar variadas formas de conexão entre os espaços urbanos e seus habitantes. É desde essa perspectiva que venho observando a emergência de novos formatos narrativos que se fundam no potencial expressivo dos espaços físicos e geográficos ativado pelas tecnologias imagéticas: experiências como as de cinema locativo, que demandam o deslocamento físico do espectador pela cidade para acessar as partes do filme, que, por sua vez, são assistidas em telas de

telefones celulares, indicam a fusão entre zonas fronteiriças que conectam universos on e offline – por um lado, o software executado no interior dos dispositivos móveis conduz a um tipo de experiência caracterizada pela intangibilidade das imagens técnicas informacionais e, por outro lado, o deslocamento pela cidade remete a práticas de experimentação dos espaços urbanos, como o passeio turístico ou as derivas situacionistas, que acontecem sem qualquer mediação tecnológica.

IHU On-Line – Em que medida as imagens podem nos ajudar a entender a identidade de determinados locais, tendo em conta sua experiência de professor, em 2011, no curso Cidades Transmídia, em Málaga, na Espanha e este ano no Rio de Janeiro?

Tiago Lopes – A proposta que orienta as atividades do projeto Cidade Transmídia conduz à ideia de que nas materialidades concretas dos objetos que integram os espaços urbanos residem os rastros de uma memória congelada das cidades. Essa memória se conecta diretamente ao imaginário dos seus habitantes e incide diretamente sobre a identidade dos lugares. No entanto, ainda que as possibilidades para que essa memória dos lugares seja acessada e atualizada, é comum que a identidade de um local seja construída através de certas discursividades hegemônicas, sobretudo aquelas que se produzem no interior dos grandes veículos de comunicação de massa, geralmente motivadas por interesses mercadológicos e políticos, que acabam por gerar uma sombra sobre outras formas de ver e compreender a cidade, que ficam relegadas a uma espécie de periferia do pensamento sobre as cidades.

Assim, o projeto Cidade Transmídia propõe justamente a criação de estratégias metodológicas para resgatar e dar forma a essas visões periféricas sobre determinados espaços urbanos. E nesse sentido as imagens têm um papel fundamental, não somente as imagens técnicas propriamente ditas, como as fotografias ou mesmo os materiais audiovisuais, mas quaisquer recursos que nos auxiliem a imaginar a cidade, como, por exemplo, as histórias contadas na forma de relato pelos moradores de uma determinada região em que o projeto esteja acontecendo.

Todo esse material imagético nos auxilia a ampliar o olhar sobre uma determinada região de uma cidade. São várias as etapas até que se chegue ao resultado final, que é a postagem de produções audiovisuais em um mapa digital, hospedado em uma plataforma online, que de certa forma tenta dar forma a certos olhares sobre a cidade produzidos durante a realização do projeto.

IHU On-Line – Considerando a perspectiva de Didi-Huberman¹ – como vemos o que nos olha –, que mudanças existem na forma pelas qual as imagens nos “olham” a partir de diferentes dispositivos (computador, tablet, celular, etc.)?

Tiago Lopes – Estamos vivendo uma espécie de virada em relação ao modo como muitos teóricos e analistas de mercado das décadas de 1980 e 1990 imaginavam o futuro das imagens técnicas, embalados principalmente pela ascensão das tecnologias informacionais de realidade virtual, que despontavam como novidade naquele período: um mundo inteiramente simulado, que nos envolveria por completo em um oceano de estímulos sensoriais matematicamente calculados, que nos daria a impressão de estar vivendo em outra realidade. De modo geral, se esperava muito mais das tecnologias de realidade virtual se comparado ao que elas, hoje, nos oferecem. Por outro lado, se a realidade virtual não se tornou o padrão estético das tecnologias de imagem de nossa época atual, outras possibilidades parecem estar ganhando destaque ultimamente; é o caso, por exemplo, das tecnologias de realidade aumentada que estão deixando de ser uma “promessa” para ingressarem definitivamente no cotidiano de todos nós.

Google Glass

O lançamento dos óculos de realidade aumentada do Google, o Google Glass, nem bem foi lançado e já se tornou a principal pauta de especulações do mercado de inovações tecnológicas. Não sabemos ainda se os óculos do Google vão, de fato, emplacar no mercado, mas esse não é o ponto principal; o que de fato importa é perceber que há todo um movimento da indústria que vai numa espécie de contramão da realidade virtual: enquanto a realidade virtual se caracteriza pela simulação de espaços tridimensionais integralmente

¹ Georges Didi-Huberman (1953): filósofo, historiador, crítico de arte e professor da École de Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris. De suas obras traduzidas ao português citamos “O que vemos, o que nos olha” (São Paulo: Editora 34, 1998; Porto: Dafne, 2011). (Nota da IHU On-Line)

virtuais, acessados através de capacidades especiais e outros acessórios que bloqueiam inteiramente os estímulos visuais e sonoros externos à representação projetada por esses dispositivos eletrônicos, o conceito de realidade aumentada presente em dispositivos como o Google Glass busca uma integração da experiência sensorial com o espaço físico exterior, adicionando camadas de informação (sobretudo gráfica) ao campo de visão do usuário.

De fato, é bem provável que toda essa mudança em relação ao desenvolvimento aplicado de tecnologias de produção de imagens informacionais esteja acontecendo em grande parte em virtude do fenômeno de expansão acelerada de produtos e serviços baseados em tecnologias computacionais móveis, que possibilitam diferentes formas de aproximação entre os espaços informacionais e os espaços físicos e geográficos.

Ciberespaço

Nesse sentido, o próprio conceito de ciberespaço, muitas vezes usado para designar esses lugares incorpóreos que tomam forma na internet ou em ambientes imersivos de simulação, está se tornando insuficiente para abarcar a rede de novas práticas operadas sobre as tecnologias computacionais contemporâneas, principalmente se estivermos nos referindo ao universo dos dispositivos móveis e das redes telemáticas sem fio. Mais do que nunca, o ciberespaço parece transbordar para fora das fronteiras dos suportes tecnológicos e, de certa maneira, está se impregnando e invadindo o universo dos objetos físicos, dos territórios geográficos e mesmo das estruturas orgânicas, como o corpo humano. Se há alguns anos atrás costumávamos reservar um período de tempo de nosso dia (e, não raro, também um espaço físico em nossa casa) para “entrar na internet”, hoje sequer usamos essa expressão, tamanha a mudança operada em nossos usos de tecnologias conectivas em pouco mais de uma década desde o período de popularização dos computadores pessoais e da abertura para comercialização da internet.

Quando atribuo a responsabilidade dessa mudança de paradigma ocasionada pelos produtos e serviços

baseados em tecnologias computacionais móveis, refiro-me, é claro, aos dispositivos portáteis, sobretudo os smartphones, tablets e os serviços a eles associados, mas também está incluída aí uma extensa cadeia de produção de novos produtos, como roupas, eletrodomésticos e objetos variados presentes em nossa vida cotidiana, que passam a hospedar tecnologias computacionais em sua constituição material. Toda essa expansão das tecnologias computacionais está causando uma mudança no modo como percebemos as coisas e, o que ainda é bastante estranho, mas não totalmente inesperado, o modo como as coisas passam a nos perceber. Isso porque as tecnologias computacionais que integram esses objetos são realmente capazes de “sentir” o nosso comportamento: por exemplo, tecnologias como as dos dispositivos GPS “sentem” o nosso deslocamento pela cidade, enquanto que outras, como as que estão embutidas em videogames de última geração, conseguem literalmente “ver”, através de câmeras e sensores, o movimento de nosso corpo. *Se as imagens hoje nos olham, já não é mais no sentido figurado descrito por Didi-Huberman, elas estão*

literalmente nos vendo, ouvindo e sentindo todas as nossas ações.

IHU On-Line – No que o uso de aparelhos como o Google Glass impacta na nossa forma de ver as coisas, tendo em conta que o olhar passa a ser mediado por uma espécie de imagem-filtro?

Tiago Lopes – Creio que a maior contribuição do conceito trazido pelo Google Glass é uma proposta de naturalização de alguns tipos de experiências sensoriais que de certa forma já estamos exercitando em outros meios. Por exemplo, assistir aos acontecimentos do mundo através da mediação de máquinas já é uma prática incorporada aos modos de consumo de espetáculos musicais, ocasião em que comumente nos deparamos com uma constelação de pontos brilhantes formados pelos displays de telefones celulares apontados em direção ao palco. Uma outra característica da experiência sensorial apresentada por um aparelho como o Google Glass é a presença de diferentes tipos de informações gráficas que se sobrepõem ao olhar de quem utiliza os óculos. Há quem considere que esse tipo de interface,

em que elementos gráficos se sobrepõem constantemente ao olhar, possa atrapalhar ou mesmo distrair o usuário dos óculos. No entanto, se observarmos, por exemplo, toda uma cultura que cresce a passos largos em torno dos jogos digitais, é fácil perceber como essa linguagem visual é uma constante em grande parte dos jogos, sobretudo nos chamados FPS, conhecidos também como “jogos de tiro”, que demandam a fragmentação da atenção do jogador: por um lado, ele deve estar extremamente atento às ações do jogo (é frenética a velocidade com que os estímulos sensoriais produzidos nesse gênero atingem e estimulam o aparato sensorial do jogador), mas, por outro lado, ele deve estar sempre monitorando uma série de informações periféricas que apresentam indicativos sobre o seu estado no jogo – sua posição no mapa, quantidade de munição, vitalidade, etc. Portanto, o que o Google Glass oferece é uma forma de potencializar e popularizar certas práticas e certos hábitos que já se mostram disseminados em vários nichos e que, pouco a pouco, começam a ocupar uma posição central na cultura contemporânea.

Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da **Revista IHU On-Line** cujo tema de capa aborda autores e temas ligados à comunicação, cinema e pensadores da comunicação.

- *Cinema e transcendência. Um debate.* Edição 412, de 18-12-2012, disponível em <http://bit.ly/XypKPR>
- *Vilém Flusser: Um comunicólogo transdisciplinar.* Edição 399, de 20-08-2012, disponível em <http://bit.ly/Sf21WH>
- *Semana de Arte Moderna. Revolução ou mito?* Edição 395, de 04-06-2012, disponível em <http://bit.ly/KceMZx>
- *Arqueologia da mídia. Um passado presente.* Edição 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/rik80x>
- *100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda.* Edição 357, de 11-04-2007, disponível em <http://bit.ly/hk5Z9I>
- *Processos de comunicação e cultura solidária.* Edição 319, de 14-12-2009, disponível em <http://bit.ly/14xHBLZ>
- *Conferência Nacional de Comunicação. Uma conquista e os seus desafios.* Edição 315 da IHU On-Line, de 16-11-2009, disponível em <http://bit.ly/intEkw>
- *Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web.* Edição 290, de 20-04-2009, disponível em <http://bit.ly/hsf9WP>
- *Midiatização. Um modo de ser em rede comunicacional.* Edição 289, de 13-04-2009, disponível em <http://bit.ly/intEkw>
- *Mídia livre? A democratização da comunicação.* Edição 254, de 14-04-2008, disponível em <http://bit.ly/14xFpEd>
- *História em quadinhos.* Edição 243, de 12-11-2007, disponível em <http://bit.ly/10DcQ4b>
- *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois.* Edição 237, de 24-09-2007, disponível em <http://bit.ly/109AdXn>
- *Second Life: uma fábrica de sonhos e desejos.* Edição 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/11KDVd5>

Os vínculos entre o audiovisual e os dispositivos contemporâneos

As relações de acolhimento e fechamento a produtos audiovisuais permitem pensar uma ética audiovisual contemporânea

POR RICARDO MACHADO

“**P**orque entre o audiovisual contemporâneo e o dispositivo contemporâneo, ou seja, aquele que cria dispositivos que enunciam, definem e regulam o que é ser contemporâneo, há um vínculo direto, um ambiente invisível. Há em ambos (nas plataformas e na contemporaneidade criada por dispositivos) uma compulsão por trânsito e por conectividade”, explica a professora Sonia Montaño, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Para ela, o espaço audiovisual se constitui apenas como uma parcela de um dispositivo maior, que transpassa por uma série de questões das gramáticas so-

ciais, de mercado e digitais. “O fenômeno é só uma parcela de um dispositivo muito maior que permeia as relações sociais, as empresas, o capital, os fluxos migratórios, os modos de organização, o trabalho, a produção acadêmica e todas as formas de organização, produção e consumo”, complementa.

Sonia Montaño é graduada em Jornalismo, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. É professora no Curso de Comunicação Digital da Unisinos e atua como jornalista freelancer em diversos veículos de comunicação da América Latina.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que desencadeou a sua reflexão sobre as imagens no YouTube e em outras plataformas de vídeo, que foi objeto de sua tese de doutorado?

Sonia Montaño – Antes de começar o doutorado me chamavam muito a atenção algumas imagens de vídeo que via em diversos suportes como TV ou internet porque havia nelas uma textura diferente, algo com apelo tátil, que convidava a “tocá-las” mais do que a vê-las. Algo assim como a emergência de um novo valor nas imagens que não era mais o valor de exposição que marcou o cinema e a TV, e sim um valor de uso. Eram imagens que me olhavam com muita intensidade e deram início a uma série de constatações sobre a natureza digital das imagens que permite imitar, simular muitas outras naturezas e misturar diversas tecnologias.

IHU On-Line – Como as imagens contemporâneas nos olham? É nas plataformas de vídeo, o que esses olhares revelam?

Sonia Montaño – Com a observação fui percebendo que as plataformas como o YouTube são ambientes privilegiados para as imagens passarem, crescerem e se multiplicarem de diversas formas e, principalmente, se transformarem em imagens midiáticas, isto é, do campo da comunicação e não do campo de outras ciências. Imagens cuja finalidade é a de serem produzidas, distribuídas e exibidas – como nas mídias anteriores – e usadas, o que é próprio das novas mídias e do audiovisual da web. Nunca tantas imagens foram produzidas e postas em circulação. Esse fato, que se tornou possível pela multiplicação de dispositivos e de softwares do audiovisual, tem, nas plataformas de vídeo, sua

mais expressiva dinâmica de atualização. Imagens produzidas nos confins de outros campos, como o científico, o de segurança pública ou privada, o de outras mídias, são remidiatizadas e transformadas em imagens do audiovisual da web nas plataformas de vídeo. Esses ambientes não são, então, simplesmente espaços neutros que contêm vídeos. Neles, os vídeos obedecem a certa organização e a uma espacialização, uma montagem que os enuncia de outro modo e são uma clara expressão da época que os criou. A interface se atualiza nas plataformas que estudei como encontro de diversas realidades – a do computador, a humana, a do audiovisual –, encontro este mediado por softwares em uma temporalidade u-crônica, em múltiplas direções e em tempo real, sem que necessariamente uma dessas realidades tenha domínio sobre

as outras ou seja possível estabelecer exatamente os limites de cada uma. Essa é uma nova realidade, diferente da televisiva, da cinematográfica e do “real” como enunciado até agora nas telas. Não há mais a realidade da exibição que divide com a tela um dentro e um fora dela; a interface nos inclui, ou melhor, nos devora.

IHU On-Line – Em que sentido as plataformas de compartilhamento de vídeo seriam metáfora da contemporaneidade em que elas emergiram?

Sonia Montañó – Porque entre o audiovisual contemporâneo e o dispositivo contemporâneo, ou seja, aquele que cria dispositivos que enunciam, definem e regulam o que é ser contemporâneo, há um vínculo direto, um ambiente invisível. Há em ambos (nas plataformas e na contemporaneidade criada por dispositivos) uma compulsão por trânsito e por conectividade. Como diz Bauman, você não iria a *nenhum lugar* sem o celular (nenhum lugar é, afinal, o espaço sem um celular, com o celular fora de área, ou sem bateria). Estando com o seu celular, você nunca está *fora* ou *longe*. Encontra-se sempre dentro – mas jamais trancado em um lugar. O audiovisual das plataformas é também um claro espaço de trânsito e de conectividade, e com ele as plataformas de vídeo, a web e toda a incessante produção de dispositivos de imagens tornam-se cada vez mais móveis, leves e com baterias mais duradouras. O fenômeno é só uma parcela de um dispositivo muito maior que permeia as relações sociais, as empresas, o capital, os fluxos migratórios, os modos de organização, o trabalho, a produção acadêmica e todas as formas de organização, produção e consumo. O dispositivo positiva o trânsito e a conectividade de todas as coisas no audiovisual, na imagem técnica, no modo de existir na comunidade global. Contudo, entre essa enorme produção de dispositivos e seus usos, emergem valores, acontecimentos, usos não previstos e que tendem a tensionar os valores do próprio dispositivo.

“Porque entre o audiovisual contemporâneo e o dispositivo contemporâneo (...) há um vínculo direto”

IHU On-Line – Como você interpreta os memes, esse fenômeno de apropriação de vídeos na internet?

Sonia Montañó – Eles enfatizam os usos, destacam o componente tátil do vídeo e da cultura. Eles têm a repetição, o elemento que permanece e, de outro lado, eles contêm também o acaso e o acontecimento que possibilita um remix de imagens e imaginários com uma apropriação do software. Estou lembrando entre tantos memes o modo como os usuários se apropriaram audiovisualmente de um fato: o fechamento do site Megaupload. No dia em que isso aconteceu houve desde um desenho animado de pássaros produzido na Pixar onde – pela apropriação de um usuário, claro – os pássaros conversavam nas legendas sobre o fechamento do site até um remix do filme *A queda*. Neste último um usuário traduzia em legendas as falas em alemão onde supostamente Hitler pedia um descanso e sugeria baixar um filme do Megaupload e se enfurecia quando avisado de que o site tinha sido fechado. O que é isso tudo? A web se mostra dinâmica para alguns usos e ainda é rígida para outros. Embora seja a interface que molda os usos, a apropriação das imagens leva a modos imprevistos de montagens audiovisuais e constrói telas virtuais nas quais emerge uma nova imaginação: trans-histórica, transmidiática, um grande caleidoscópio audiovisual que conecta profissionais e amadores. Cria-se um novo ambiente que muda a visão de nós mesmos e

do mundo e nosso modo de agir sobre ele. O ambiente da plataforma constrói conectividades com todo um arquivo audiovisual virtual que está no ambiente fora da plataforma, estabelecendo também novos enunciadores audiovisuais, como a webcam e seus gêneros, o celular e suas estéticas, suas montagens, seus novos enquadramentos sem gravidade, tremidos, alternativos a um enquadramento televisivo que tinha domesticado nosso olhar.

IHU On-Line – Que tendências essa generalização do vídeo aponta?

Sonia Montañó – Pode ser que, em um futuro próximo, tenhamos muitas outras formas de capturar e compartilhar ou transmitir vídeos ao alcance de todos, por meio de óculos, da roupa e de dispositivos que atravessem cenários mais íntimos e difíceis de aceder, como as tempestades neuronais, que já fazem parte de vídeos produzidos por altas tecnologias na neuromedicina. Entretanto, a interface envolvendo tecnologia, humano e audiovisual parece ser o que, em todas essas mudanças velozes e provavelmente insuspeitadas, dure. O fazer avançar as técnicas, como Benjamin o entendia, está no modo como se criam espaços, ambientes e ressonâncias entre esses três atores. A criação de dispositivos por parte do dispositivo contemporâneo encontra, nas plataformas de vídeo, certo enunciado “apaziguador”: nós, nossos vídeos e o que seja que nos permita fazê-los e distribuí-los estaremos sempre ali com uma interface “amigável”, “simples”, “divertida”. De alguma maneira, as plataformas enunciam que o mundo que conhecemos ainda permanece, que haverá sempre uma barra de navegação que nos ajude a pensar assim e um conjunto de *links* e *tags* que traduzam o caos para trânsito e para a conectividade. As plataformas de vídeo são ambientes onde ao mesmo tempo o audiovisual continua (pelo menos, em algumas de suas atualizações) sendo o que conhecemos e, simultaneamente, começa a ser ou-

tra coisa: banco de dados, interface, emergência do valor de uso. A web e particularmente essas plataformas se enunciam como lugar de passagem de toda a produção audiovisual na cultura (a anterior e a atual, a midiática e a extramidiática) e assim enuncia-se o audiovisual como o modo de vida contemporâneo: o que chamo de audiovisualização da cultura.

IHU On-Line – Em sites como o YouTube encontramos numa mesma imagem um filme clássico com uma publicidade para perder peso e um comentário de um usuário. Estaríamos nos habituando a um tipo de imagem diferente, que une realidades que costumavam se excluir?

Sonia Montañó – Sim, mais do que imagens, alguns autores as chamam de *entre-imagens*, imagens que arrancam contextos, pedaços de mundo, com pedaços da história, com pedaços de sonho, e dão a ver a “potência do falso” de que falava Deleuze como alternativa ao paradigma do “real”, da “verdade única”, cortando, colando, compondo fábulas. Entretanto, ainda há molduras que hierarquizam essas imagens. É o caso da moldura player, onde geralmente é visto um vídeo. Ela parece aprisionar o vídeo e estabelecer dentro da web um lugar onde ele deve permanecer e ser reconhecido como tal. Os *players*, as telas e suas materialidades são, no conjunto do audiovisual da web, o elemento mais resistente às temporalidades do audiovisual, que avança em todas as direções. Contudo, são eles, nas interfaces criadas pelas plataformas, que servem como delimitadores dos espaços-vídeo, plataforma e usuário, até porque é o espaço o que é comprado e vendido, comercializado, inclusive dentro do *player*. No momento, os *players* e a distribuição espacial dos elementos em torno dele funcionam como espaços de poder que contribuem para a positivação do vídeo no dispositivo contemporâneo e para estabelecer, com ele e em função dele, trânsitos e conectividades. Isso tudo,

“O acolhimento ou fechamento a essa hospitalidade primeira (...) levariam a formular uma ética do audiovisual contemporâneo”

embora *players* e telas bem delimitados resistam na produção de sentido sobre o que é vídeo. O audiovisual, nas plataformas de vídeo, acontece na interface, não no vídeo isoladamente. O audiovisual de interface inclui o usuário como parte de uma rede heterogênea de elementos, incluindo aquilo que costumamos chamar de vídeo, mas vê o vídeo como processo, não como produto. O audiovisual de interface põe em conexão novos tipos de montagem e leva a compreender o mundo e a história como uma imagem interativa que sempre pode ser remixada.

IHU On-Line – Essas questões problematizam de alguma maneira a questão da alteridade, do outro, nem que seja um outro audiovisual?

Sonia Montañó – Com certeza. Um novo ambiente com uma certa ontologia de banco de dados, como é o das plataformas de vídeo, dá lugar ao encontro do “totalmente outro”, a “alteridade absoluta” de que fala Derrida. O *recém-chegado* (*arrivant*) que chega e acontece sem aviso simplesmente chega, e acolhê-lo sem limites é o imperativo da hospitalidade incondicional. Uma hospitalidade que exige a exposição incondicional e incalculável (não é possível prever) ao que

acontece: quem quer que seja, o que quer que seja. Esse “o que quer que seja” é o acontecimento singular, surpreendente, excepcional, excessivo e inapropriável do que chega ou acontece. “O que quer que seja” não marca, por conseguinte, a indiferença do que vem, mas é, pelo contrário, a marca da singularidade absoluta e excessiva do que chega ou acontece. A natureza do audiovisual – banco de dados, do audiovisual permeado de valor de uso – predispõe as imagens ao acontecimento. O acolhimento ou fechamento a essa hospitalidade primeira, a abertura audiovisual ao totalmente outro ou a xenofobia das imagens audiovisuais, e as expressões que imagens, sejam elas vídeos, interfaces, usos ou ambientes, tomam nos processos audiovisuais são um tema de extrema atualidade e levariam a formular, em novas pesquisas, uma ética do audiovisual contemporâneo.

Leia mais...

>> Sonia Montañó já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira.

- *O impacto ambiental do consumo de carne*. Entrevista especial com Sérgio Greif e depoimento de Sonia Montañó. Publicada nas **Notícias IHU On-Line**, de 05-11-2007, disponível em <http://migre.me/4dQpr>
- *Ecologia da mídia e a percepção do mundo*. Publicada na **IHU On-Line** número 357, de 11-04-2011, disponível em <http://bit.ly/hwsnhr>

>>Confira também outros textos de Sonia publicados pelo IHU:

- O programa Linha Direita: a sociedade segundo a TV Globo. Edição nº 3 dos **Cadernos IHU Ideias**, disponível em <http://migre.me/4dQjJ>
- A Construção da Telerrealidade: O Caso Linha Direta, Edição número 4 dos **Cadernos IHU**, disponível em <http://bit.ly/114tPIM>

A imagem como síntese da fotografia e do fotógrafo

Fotógrafo e professor da Unisinos, Flávio Dutra fala das relações entre o produtor e a imagem produzida

POR RICARDO MACHADO

O desafio da fotografia, em uma era de profusão absoluta de produção e consumo de imagens, é ser diferente para não passar despercebida. Para o professor e fotógrafo Flávio Dutra, que concedeu entrevista por telefone à **IHU On-Line**, a amplificação dos discursos dentro das imagens é o que permite uma fotografia ter maior relevância não só de informação, mas também de reflexão dentro da contemporaneidade. Para ele, a fronteira entre fotógrafo e fotografia é borrada por uma presença de ambos nestes dois espaços. Nesse contexto, Flávio considera que, na relação entre imagem e pessoas, o fotógrafo é quem vê mais. “Certamente o fotógrafo também constitui o que ele está

criando como imagem, isso é um princípio da fotografia, pois ela, a fotografia, não está no que a pessoa está vivendo, mas no que as pessoas querem ver daquilo que estão vivendo. Nesse sentido também, a fotografia é sempre uma construção que o fotógrafo faz a partir de uma intenção e um desejo do que ele está vendo. Por isso, para mim, a imagem é sempre mais vista por quem faz, que o contrário”, sustenta.

Flávio Dutra é formado em História e em Jornalismo, pela UFRGS. Possui especialização em Docência no Ensino Superior, pela Unisinos. Atualmente, é fotógrafo do Jornal da Universidade, da UFRGS e professor da Unisinos. Confira a entrevista.

IHU On-Line – Na fotografia, como se dá a relação entre fotógrafo e imagem? Quem olha quem?

Flávio Dutra – Isso é difícil de responder, porque há vários níveis disso. Existe uma discussão que sempre os alunos trazem, talvez porque tenham uma dificuldade inicial, que é a relação de como se aproximar do que se fotografa. Há sempre uma tendência enorme das pessoas a fotografarem a distância, por temerem a relação com o que se fotografa. Isso me parece ser um gostar de olhar a imagem e temer ser visto por ela. Tentando pensar em termos concretos, como fotógrafo, é sempre uma via de duas mãos: o fotógrafo olha a imagem e a imagem olha o fotógrafo. Penso isso no sentido do aprendizado. Certamente o fotógrafo também constitui o que ele está criando como imagem, isso é

um princípio da fotografia, pois ela, a fotografia, não está no que a pessoa está vivendo, mas no que as pessoas querem ver daquilo que estão vivendo. Nesse sentido, a fotografia é sempre uma construção que o fotógrafo faz a partir de uma intenção e um desejo do que ele está vendo. Por isso, para mim, a imagem é sempre mais vista por quem faz, que o contrário. É intenção que se constrói por meio de um aparelho técnico/tecnológico, de um discurso que ele está vendo.

IHU On-Line – Robert Capa¹ dizia que “se a foto não está boa é porque

¹ **Robert Capa** (1913 - 1954): Um dos mais célebres fotógrafos de guerra, Capa cobriu os mais importantes conflitos da primeira metade do século XX: a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Sino-Japonesa, a Segunda Guerra Mundial na Europa (em Londres, na Itália, a Batalha

o fotógrafo não está perto o suficiente”. O senhor concorda com isso?

Flávio Dutra – Eu gosto muito dessa frase e no contexto do Capa tinha ao menos dois sentidos. Primeiro porque ele fotografa guerras, campo, aliás, onde ele ficou reconhecido. Então para ele essa frase dá certo sentido heroico para o que ele fazia, porque guerra é um lugar de onde preferimos estar longe. Então essa coisa de fotografar de perto tinha, para ele, uma espécie de “autoglorificação”. Mas eu acho que essa frase tem outra coisa importante, porque estar perto, em minha concepção, é mais do que a questão da distância física; envolve estar em relação ao que se está foto-

da Normandia em Omaha Beach, e a liberação de Paris), no Norte da África, a Guerra árabe-israelense de 1948 e a Primeira Guerra da Indochina.

grafando. Então eu gosto de pensar que, quando se diz que a pessoa não está próximo do que está fotografando, é que ela não se está em relação suficiente com o que está sendo fotografado. O que importa é o quanto a pessoa está dentro daquilo que ela está fotografando, principalmente em uma capacidade de imergir naquilo que está fazendo, o que é uma das grandes dificuldades do fotojornalismo, pois o fotógrafo tem pouquíssimo tempo para produzir o material e faz as coisas sempre na pressa da necessidade de produção da rotina do jornalismo. Isso resulta em imagens um pouco atravessadas. Agora, quando o trabalho tem um pouco mais de condição de envolvimento e imersão, o resultado é melhor.

IHU On-Line – Que papel a fotografia ocupa em uma sociedade imersa em um turbilhão de imagens?

Flávio Dutra – Eu estava lendo um texto de Michel Frizot, um historiador da fotografia, e ele dizia, mas não sei qual é a referência dele, que atualmente são produzidas 1 bilhão de imagens por dia no mundo. Eu penso que a importância da imagem, do ponto de vista do profissional, é produzir algo que tenha uma diferença nesse turbilhão. Seja essa diferença de conteúdo, de conceitos, qualidade plástica, ou seja, conseguir fazer imagens nesse turbilhão que se diferencie é complicado. As imagens são dessa loucura cotidiana, tudo tende a se misturar e ficar igual. Por isso que nós damos tanto valor a trabalhos que tenham certa uma profundidade e que consigam construir discursos que vão para além da imagem. Talvez a grande diferença entre as imagens esteja na medida em que os discursos se amplificam. Um exemplo de um fotógrafo que faz isso há muito tempo – e que talvez seja o maior expoente deste gênero – é Sebastião Salgado². Agora ele está apresentando um trabalho, O

² **Sebastião Salgado** (1944): fotógrafo brasileiro. Nomeado como representante especial do UNICEF em 2001, dedicou-se a fazer crônicas sobre a vida das pessoas excluídas, trabalho que resultou na publicação de dez livros e realização de várias exposições. (Nota da IHU On-Line)

“Olhar com os olhos de quem quer ver”

Gênesis, que tem essa dimensão, que foge da ideia de turbilhão, por conta daquilo que ele consegue criar de conceitos.

IHU On-Line – Em que medida a fotografia dá a ver lógicas e mecanismos socioculturais?

Flávio Dutra – A fotografia é sempre um ponto de vista. Nunca é só uma informação, mas também opinião. Embora a fotografia apresente tais lógicas, ela nunca elucida as relações, pois é sempre uma perspectiva que quer constituir um sentido. Por exemplo, em relação às imagens das manifestações contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre, houve um momento em que a imprensa fez uma autocrítica da própria cobertura, em que num primeiro momento dava-se ênfase à “baderna”, mas houve outro momento em que se percebeu que não era só isso, quando então mudou o rumo. O que primeiro tentou se mostrar era a pichação, a violência, o confronto, e isso é o ponto de vista a que me refiro. A fotografia, por um vício de origem, um meio mecânico que mostra o mundo, dá uma certa aparência de que o que está sendo mostrado é o real. E sabemos que não é o real, mas uma perspectiva.

IHU On-Line – O senhor considera que há diferenças entre ver e olhar? Quais?

Flávio Dutra – Essa é uma discussão filosófica bastante longa. Eu tenho a tendência de pensar o “ver” e “olhar” em uma perspectiva de profundidade. A visão é um dos sentidos mais funcionais, um dos mais atentos que temos, do qual mais dependemos. Porém, ao mesmo tempo penso que é o mais mal utilizado porque usamos a visão de uma maneira muito funcional. Uma frase comum pode nos ajudar a pensar isso: “olhar com os olhos de quem quer ver”. Penso que existe algu-

ma diferença e isso está na vontade de aprofundar o que se olha.

IHU On-Line – Como o senhor pensa a ideia de que as imagens também nos olham?

Flávio Dutra – Não sei como pensar isso de que as imagens nos olham. Mas posso pensar que as imagens nos formam e acho que elas são importantes para a nossa formação. Nesse sentido, aprender a olhar faz com que vejamos de forma diferente, pelo menos quando temos a intenção de fazer isso. Aí consigo me aproximar da ideia de que as imagens nos compõem. No entanto, acho que é um exercício que fazemos pouco e aprendemos a fazer pouco. Em geral olhamos para as imagens como olhamos para o mundo, que é procurando a informação. Pensamos pouco como as imagens se constituem e é nisso que eu acho que termina sendo formado pela imagem, criando essa contrapartida.

IHU On-Line – Em que medida a fotografia nos ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos?

Flávio Dutra – Dentro de toda essa discussão que a tela é sempre um ponto de vista e que tem um sentido colocado por alguém que a produz, colocado pelas rotinas de produção de quem as produzem, seja no jornal, no museu, em uma exposição, creio que a imagem deve ser vista desta forma. Mas se pensarmos ela apenas como informação, então acho que não.

IHU On-Line – Considera que há uma maneira mais “adequada” de ver as imagens? Qual?

Flávio Dutra – É a maneira pela qual devemos olhar qualquer discurso. Que é uma maneira atenta, crítica e que desfaz o vício de origem da condição de real. A fotografia briga demais com a relação da suposta reprodução do real. Ter a noção de que ela não tem essa fidelidade é uma maneira ideal de ver as imagens com uma qualidade diferente. Isso tanto do ponto de vista de quem olha as imagens, mas também de quem produz. Sempre que a fotografia tenta imitar o mundo, do ponto de vista da produção, ela faz isso mal.

Caminhos para ver o que nos olha

Cybeli Moraes explica a necessidade do processo de desconstrução do pesquisador na perspectiva das audiovisualidades na tentativa de entender que as imagens também nos observam.

POR RICARDO MACHADO

Desnaturalizar a mecânica do ver é uma das maneiras de pensar o olhar. Em uma sociedade imersa em um contexto abundantemente imagético, é preciso, conforme aponta Cybeli Moraes, que concedeu entrevista pessoalmente à **IHU On-Line**, perceber as sutilezas entre ver e olhar. “Quando falamos ‘ver’ estamos nos reportando mais ao mecanismo ótico, que por si só engloba o olhar, mas eu prefiro ‘olhar’ para determinar esta importância. Derrida fala em discretização do audiovisual, ou seja, com o tempo o audiovisual foi se tornando discreto a nossos olhos. Esse tornar-se discreto vem ocorrendo desde que o homem desenhou nas paredes das cavernas”, destaca Cybeli.

Para ela, esse processo explica por que um grande volume de imagens são visualizadas e “consumidas” sem um processo reflexivo, o que, às vezes, representa uma aceitação in-

voluntária de preconceitos. “Cada vez mais naturalizamos processos que não são naturais e agimos como se eles já estivessem no mundo. Ao fim e ao cabo, a mania de naturalizar e reduzir o olhar ao ver, possibilita de maneira geral as inverdades científicas, os preconceitos e os fundamentalismos das mais diversas ordens”, complementa.

Cybeli Moraes, além de coordenadora do curso de Comunicação Digital, leciona nos cursos de Jornalismo e Publicidade da Unisinos, universidade onde se graduou e pós-graduou. Tem mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos (2007 e 2012). Atuou como assessora de imprensa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, onde editou a revista do MARGS (Porto Alegre).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que caminhos podemos trilhar para ver o que nos olha?

Cybeli Moraes – Acredito que podemos tentar perceber as imagens por meio de três movimentos. O primeiro deles está relacionado à importância de nos colocarmos no meio da “floresta”. Nesse sentido, por exemplo, o *corpus* da minha pesquisa de doutorado tinha 80 audiovisuais de cinema, vídeo-arte, publicidade, trechos de telejornais, vídeo-clipe, etc. Então circular e se envolver com esta floresta, não fazendo uma distinção apressada dos espécimes ou das relações entre eles, é um primeiro passo. Um segundo movimento é a costura

metodológica. É preciso atuar com esses fenômenos imagéticos fazendo tessituras metodológicas, seja usando processos e procedimentos mais estabelecidos, seja se apropriando de técnicas para lidar com essa “flora” ou “fauna”. Nesse sentido, “as trilhas” que você menciona na pergunta precisam ser as mais variadas possíveis, ou devem ser inventadas para dar conta do que pretendemos observar. O terceiro movimento está relacionado ao uso dos dois primeiros para chegar a um terceiro patamar, que é conceituar, tentar nomear, o mais aproximadamente possível, o que estamos intuindo, na perspectiva berg-

soniana¹² do termo. Isso exige que a pessoa se desconstrua³ como pesquisadora, pois para trabalhar com os fenômenos audiovisuais – ou melhor, na perspectiva das audiovisualidades⁴

1 Ver dia edição sobre o autor: **A evolução criadora de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois.** Edição 237, de 24-09-2007, disponível em <http://bit.ly/109AdXn> (Nota do entrevistado)

2 A partir do método intuitivo desenvolvido pelo filósofo francês Henri Bergson (1859-1941). (Nota do entrevistado)

3 A partir da desconstrução postulada pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004). (Nota do entrevistado)

4 Criado em 2003 por pesquisadores da Unisinos, consistiu em diretório que propôs a configuração do conceito de audiovisualidades a partir de três di-

– é preciso que nos retiremos do local habituado de observador para entender que as imagens também nos observam. Daí talvez sim, possamos compreender com mais propriedade o que elas fazem e podem ser. O pesquisador necessita ser ativo em relação aos fenômenos que pesquisa, por isso é preciso sempre, no caso das imagens, usá-las: se deixar afetar por elas, usar e ser usado.

IHU On-Line – Qual seria o papel das audiovisualidades para entender as imagens?

Cybeli Moraes – Quando defendi minha tese, em abril de 2012, fui questionada por um dos membros da banca sobre onde eu situaria minha pesquisa – se nos marcos teóricos do cinema, da fotografia, ou da vídeo-arte. Respondi que situaria nas audiovisualidades, e embora na época a resposta tenha sido “diplomática” frente a referenciais teóricos já consagrados, ainda assim hoje eu manteria esta resposta. Fica cada vez mais claro para mim que a importância de uma perspectiva como a das audiovisualidades está na possibilidade de trabalharmos diretamente com as entre-imagens, e nas passagens destas. É uma perspectiva que desde já me obriga a ser um pesquisador *da* e *na* entre-imagem, pois passamos de um lugar para o outro, de um olhar para o outro (e não só com os olhos, mas usando todos os nossos sentidos, incluindo a audição, que às vezes fica um pouco esquecida diante do visual). Então eu não sou somente olho e essa maneira de perceber e captar o mundo, entre sentidos, entre sinais, entre estados do corpo, exigem que eu seja um pesquisador “entre”, e encare os fenômenos também desta maneira.

IHU On-Line – Qual a importância das entre-imagens para entender as imagens?

Cybeli Moraes – Acho que não dá para perceber uma imagem sem encará-la como uma entre-imagem.

mensões de pesquisa: em contextos não reconhecidamente audiovisuais; como campo contemporâneo de convergência de formatos, suportes e tecnologias; e no reconhecimento de linguagens, configurações, usos e apropriações dos mais diversos fenômenos audiovisuais. (Nota do entrevistado)

“Acho que não dá para perceber uma imagem sem encará-la como uma entre-imagem”

Para o avanço dos estudos de comunicação sobre as imagens, não podemos mais discuti-las sob o ponto de vista dos suportes: é redutor dizer “isto é vídeo, isto é foto, isto é cinema”. Esse “isto é” não tem mais lugar. E, na verdade, ele nunca teve lugar: se formos pensar em todas as descobertas tecnomidiáticas, não há “imagens puras”. A fotografia nunca foi eminentemente fotografia, ela sempre foi pintura, foi escultura, gravura, tudo ao mesmo tempo e em devir. Essa pretensão de tentarmos dizer o que é uma imagem não funciona, por isso a atual crise dos paradigmas é a resposta. Além disso, se olho entre-imagens, não atento para seu conteúdo ou seu “gênero”, é a indiscernibilidade do seu modo de agir que passa a me interessar. São raros os autores da comunicação que discutem as naturezas da imagem, mas há vários que confundem estas com os graus de uma mesma potência.

IHU On-Line – De onde partiu o interesse pelas imagens?

Cybeli Moraes – Para mim, da fotografia. Primeiro, a partir das minhas experiências na faculdade, no mercado de trabalho e no mestrado, estudando o fotojornalismo e trabalhando com arte. Começou a me chamar atenção o fato da câmera de vídeo estar registrando a “foto-grafia”. Aí, veio a velha pergunta: “afinal de contas, o que vemos é foto, vídeo ou o quê?”. Entendi então que o que me interessava era discutir a fotografia em lugares onde ela aparentemente não estava, como nas montagens de um telejornal, de uma cena em movimento, de uma apresentação em Power Point, etc. Tentava encontrar o “fotográfico” nestas não fotogra-

fias. Foi nesta cartografia pela floresta das imagens, usando o Google Vídeos como portal de entrada, que percebi, naquilo que chamamos de câmera lenta, um tensionamento semelhante ao promovido pela fotografia: uma tendência de parar sem parar, um constante corte que não corta a continuidade do fluxo. A partir da observação destes materiais entendi que interessava dissecar as molduras⁵ que estavam ali ofertadas, e que nos fazem sentir e promover sentidos sobre este “parar”. Daí vem o nome da tese, *A pausa audiovisual*.

IHU On-Line – O que significa esta pausa em uma sociedade marcadamente imagética e com fluxos que dão impressão de serem cada vez mais intensos?

Cybeli Moraes – Que encontramos uma forma de refletir sobre nossa finitude na produção de audiovisuais, e que essa reflexão é cada vez mais e mais presente. Para fazer o levantamento para a minha tese fui buscar na web os termos câmera lenta, *slow motion*, *ralenti* e outros correlatos. Localizei mais de 15 milhões de referências audiovisuais, e estão contabilizadas aí somente aquelas *taguadas* com as palavras que pesquisei. É uma enorme e paradoxal demanda, porque em um mundo cada vez mais rápido há o interesse na produção e na visualização de imagens que estão “parando”. Mas a câmera lenta – que prefiro chamar usando a expressão francesa *ralenti* –, a fotografia (para mim, inscrição fotográfica) e o plano sequência, que chamei fragmento longo, na verdade são todas molduras que precisam de ou acabam por produzir muito mais imagens, e imagens que passam em muito mais quadros que, por sua vez, asseguram a ideia de movimento, ou mesmo de parada deste “movimento”. Bergson, quando desenvolve seu método intuitivo, aborda a questão do misto, aquele que comporta um virtual e um atual. O atual é aquilo que se materializa (o *ralenti*, a inscrição fotográfica e o fragmento longo). Já o virtual está em potência, em devir – que no caso da pau-

⁵ A partir da metodologia desenvolvida pela pesquisadora Suzana Kilpp, do PPG-CC da Unisinos.

sa audiovisual seria a espera, aquela que expecta e/ou antecipa.

Molduras

Algumas destas esperas – e aí já não estamos mais falando de molduras, mas de emolduramentos conforme fala Kilpp⁶, que atuam no corpo do observador – são inventivas, pois nos distraem, como podemos ver em filmes como *Árvore da Vida* (2011), de Terrence Malick, ou *Sleep* (1963) de Andy Warhol, entre vários exemplos. Já outras esperas simplesmente nos dispersam, como na maioria dos usos de imagens sobrepostas. As esperas revelam então uma tensão que é própria da vida: nascemos e esperamos a cada momento que a vida aconteça para nós, e que isso ocorra antes da morte – e esta, por si só, é “o” acontecimento principal. Alguns acontecimentos eu consigo prever, antecipar, eles geram expectativas de diferentes ordens, enquanto outros simplesmente acontecem e se tornam marcos – um dos usos metafóricos da

⁶ **Suzana Kilpp:** é professora e pesquisadora do PPG em Ciências da Comunicação e do Curso de Comunicação Digital, na UNISINOS. É especialista em Cultura Brasileira, mestre em História do Brasil e doutora em Ciências da Comunicação. (Nota da IHU On-Line)

“Quando falamos “ver”, estamos nos reportando mais ao mecanismo ótico (...) mas eu prefiro “olhar”

palavra pausa. Por isso a pausa audiovisual é um fenômeno que se conecta com aquilo que vivemos, pois se “a vida vive-se” como comenta Bergson, o audiovisual também. De certa forma, a fauna/flora audiovisual que inventamos dá a ver esses sentidos e mecanismos que percebemos na própria vida.

IHU On-Line – Qual a importância das pessoas aprenderem a ver as imagens?

Cybeli Moraes – Quando falamos “ver”, estamos nos reportando mais ao mecanismo ótico, que por si só engloba o olhar, mas eu prefiro “olhar” para determinar esta importância que você menciona. Derrida

fala em discretização do audiovisual, ou seja, com o tempo o audiovisual foi se tornando discreto a nossos olhos. Esse tornar-se discreto vem ocorrendo desde que o homem desenhou nas paredes das cavernas. Cada vez mais naturalizamos processos que não são naturais e agimos como se eles já estivessem no mundo. Ao fim e ao cabo, a mania de naturalizar e reduzir o olhar ao ver possibilita, de maneira geral, as inverdades científicas, os preconceitos e os fundamentalismos das mais diversas ordens – se pensarmos como Flusser quando ele usa a câmera fotográfica como metáfora do aparelho que organiza toda a sociedade. Nesse sentido, os fenômenos audiovisuais se tornam metáforas que nos auxiliam a reconhecer funcionamentos antropológicos e sociais. À medida que conseguimos “des-discretizar” esses fenômenos, talvez consigamos também perceber como produzimos, pensamos e olhamos para o mundo, pois nas coisas que inventamos damos a ver todas as nossas aspirações culturais e humanas. Mas para “des-discretizar” não basta só “aprender a olhar”, mas também se deixar olhar, e daí aprender com todos estes olhares: os meus, os dos outros, os das imagens, e os das imagens sobre as imagens.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Reportagem da Semana

Didi e a descoberta de ser visto

TEXTO E FOTOS RICARDO MACHADO | ILUSTRAÇÕES: PABLO AGUIAR





Entrevista da Semana

Dante, poeta do Absoluto e das metáforas divinas

A filosofia em língua italiana manteve uma dívida com Dante, que lhe deu as primeiras grandes obras, afirma Didier Ottaviani. O Poeta assinala os “sobressaltos” do medievo rumo ao seu término e anuncia o Renascimento em obras como *A Divina Comédia*

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO DE VANISE DRESCH

“Como ‘dizer’ o divino se este não pode ser apreendido a partir das categorias da linguagem? Esta questão está presente não só no pensamento de Santo Agostinho, mas também na tradição mística, que tentou apreender Deus por meio de metáforas, correndo sempre o risco de que a teologia se reduza a uma poesia e perca assim a dimensão científica que ela reivindica muito vigorosamente no fim da Idade Média, por exemplo, no pensamento de Tomás de Aquino”. A reflexão é do filósofo francês Didier Ottaviani, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. “As metáforas da teologia estão presentes em Dante, como, por exemplo, a assimilação de Deus a uma luz transcendente, mas adquirem para eles um sentido diferente, uma vez que é um poeta. De fato, a linguagem poética não é da mesma natureza que a dos outros homens, pois, para Dante, o poeta possui uma dimensão profética. Sua linguagem não é um simples meio de significação, mas um procedimento de revelação”. Para Ottaviani, Dante é um verdadeiro “poeta do Absoluto” não porque o entrega,

“mas porque nos convida a buscá-lo com ele”. E completa: “Se a linguagem racional não pode apreender o divino por seus conceitos, que nunca são capazes de conter em seu bojo a infinidade de Deus, então outra via deve ser buscada, aquela de uma divinização do homem pela elevação de sua palavra”.

Didier Ottaviani leciona na Escola Normal Superior de Lyon, na França, e é membro do Centro de Estudos em Retórica, Filosofia e História das Ideias (CERPHI-CNRS-UMR). Sua tese aborda a filosofia de Dante, examinando o estatuto metafísico das mutações do pensamento do poeta entre o *Convívio* e *A Divina Comédia*. Suas pesquisas centram-se no pensamento da Idade Média, sobretudo na relação da Medicina com a Filosofia, bem como a influência dos filósofos árabes no pensamento latino. É autor de, entre outros, *Premières leçons sur les trois Lettres d’Épicure* (PUF, Paris, 1998), *La philosophie de la lumière chez Dante. Du Convívio à la Divine comédie* (Honoré Champion: Paris, 2004) e *L’humanisme de Michel Foucault, Le Sens Figuré* (Paris, 2008).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são as particularidades da poesia de Dante?

Didier Ottaviani – A poesia de Dante¹ apresenta-se, antes de tudo,

como uma busca de pureza marcada por uma evolução entre as obras da juventude e as da maturidade. *Vita nova*, as canções e sonetos de *Le Rime*, reunidos após a morte de Dante, são tributários da influência

dos trovadores provençais, opondo à retórica pesada dos poetas anteriores uma poesia sutil, baseada na busca do ritmo e no trabalho das metáforas. Aquilo que ele chama, no *Purgatório*, de “doce estilo novo” (*dolce stil novo*) desenvolve uma poesia que permite expressar, sob o ditado do amor,

1 Dante Alighieri (1265-1321): escritor, poeta e político italiano. É considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana, definido como il sommo poeta (“o

sumo poeta”). (Nota da IHU On-Line)

sentimentos pessoais autênticos pela Dama, que pressupõem um trabalho sobre a língua e sua rítmica. Os trovadores se definiam a si mesmos como “ourives” da linguagem, inventando uma língua capaz de expressar a doçura do amor cortês. Entretanto, embora não a renegue totalmente (Dante presta homenagem ao trovador Arnaud Daniel, no *Purgatório*), Dante se afasta pouco a pouco dessa poesia cortês para tentar alcançar através de seus versos um nível de expressão mais elevado, dando progressivamente à Dama um novo valor. Nos versos que acompanham as reflexões de *Il Convívio*, cuja estrutura é inspirada na *Consolação da Filosofia*, de Boécio², o amor é aquele da sabedoria, numa tentativa de alcançar uma verdadeira *filo-sofia*, e a Dama assume então a figura da filosofia. Porém, não resta dúvida de que é na *Divina Comédia* que Dante alcança a sua mais inovadora dimensão poética, pois a Dama deixa de ser a figura cortês dos trovadores e aquela da filosofia para se tornar uma mediação rumo ao Amor mais elevado, dirigindo o homem para Deus, Amor verdadeiro.

Existem assim três figuras de Beatriz em Dante: a Dama do amor cortês em *Vita nova*; a Dama filosofia em *Il Convívio*; e a Dama mensageira de Deus na *Divina Comédia*. Se a rítmica reivindicada pelo *Dolce stil novo* e as interrogações filosóficas de *Il Convívio* se mantêm presentes no Poema Sagrado, elas não se limitam mais à celebração cortês ou intelectual, pois o amor sensível ou racional não é mais do que um pálido reflexo do Amor divino a ser louvado. A poesia lírica torna-se um meio de alcançar a transcendência, e a musicalidade da palavra se metamorfoseia então numa imagem do canto mais perfeito, aquele do coração dos anjos, fazendo do poeta um profeta e um vidente.

IHU On-Line – Em que consiste o poder da linguagem neste autor?

2 Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (480-524 ou 525): mais conhecido simplesmente por Boécio, foi um filósofo, estadista e teólogo romano que se notabilizou pela sua tradução e comentário do *Isagoge* de Porfírio, obra que se transformou num dos textos mais influentes da Filosofia medieval europeia. (Nota da IHU On-Line)

“Os trovadores se definiam a si mesmos como ‘ourives’ da linguagem, inventando uma língua capaz de expressar a doçura do amor cortês”

Didier Ottaviani – Compartilhando a ideia clássica, desde a Antiguidade, de que a linguagem é própria do homem, Dante lhe atribui, contudo, um papel maior, que vai além da simples função de comunicação. Por certo, o poder primordial da linguagem é traduzir e comunicar a outrem o pensamento, por exemplo, sob a forma das sentenças da língua lógica. Todavia, a reflexão sobre a diversidade das línguas que Dante faz em *De vulgari eloquencia* permite estabelecer a diferença entre a linguagem, capacidade de expressão possuída por todos os homens, e as línguas, que são as manifestações sensíveis, particulares e históricas da linguagem (notemos que ele será o autor de uma categorização de certas línguas romanas em função da maneira de dizer “sim” em cada uma delas, diferenciando desse modo a língua de *si* (italiano), a língua de *oil* (francês) e a língua de *oc* (provençal)). O latim, enquanto língua dos antigos, estruturada de acordo com uma gramática estrita e imutável, permite forjar silogismos universais e manifesta o poder da demonstração. Mas se Dante escolheu escrever sua obra mais importante em italiano foi por considerar que o uso do latim não lhe era natural. Embora não fosse uma língua totalmente morta naquela época, o latim não estava realmente vivo, não permitia dizer o *novo*, a novidade, que o Poeta buscou desde suas primeiras obras. A língua e a vida – consideradas como surgimento perpétuo de novidade – mantêm rela-

ções muito estreitas, pois, para o homem, viver é falar, e a linguagem não é uma ferramenta de comunicação, mas a “causa do ser” dos indivíduos.

Parlar materno

Para Dante, evocar a “língua materna”, o *falar materno*, não é uma simples metáfora: os pais são certamente as causas biológicas daquilo que somos, mas a língua é outra causa, talvez ainda mais importante. Para quem quer ser poeta e filósofo, é então necessário voltar-se para a língua vernácula, o *parlar materno*, que ele chama de “supremamente próximo”, para poder *dizer-se, expressar-se* plenamente. A ideia de “expressão” deve ser aqui tomada no sentido próprio, pois se trata de “fazer sair”, de desdobrar o que está contido em nós mais profundamente, de fazer surgir na exterioridade o que é mais essencial no indivíduo. O poder da linguagem está, portanto, em última instância, no fato de permitir a autorrealização, de constituir a nossa subjetividade viva.

IHU On-Line – Que relações podem ser estabelecidas entre a teologia e a linguagem a partir da *Divina Comédia*?

Didier Ottaviani – A teologia sempre se interrogou sobre o status da linguagem, na medida em que herdou a ideia, de origem plotiniana, de que o Uno é separado e inefável, e, por isso, não pode ser circunscrito por palavras, sendo estas necessariamente limitadas. Como “dizer” então o divino se este não pode ser apreendido a partir das categorias da linguagem? Esta questão está presente não só no pensamento de Santo Agostinho³, mas também na tradição mística, que tentou apreender Deus por meio de metáforas, correndo sempre o risco de que a teologia se reduza a

3 Aurélio Agostinho, dito de Hipona, conhecido como Santo Agostinho (354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo e é um padre latino e doutor da Igreja Católica. Agostinho é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Em seus primeiros anos, Agostinho foi fortemente influenciado pelo maniqueísmo e pelo neoplatonismo de Plotino, mas depois de tornar-se cristão (387), ele desenvolveu a sua própria abordagem sobre filosofia e teologia e uma variedade de métodos e perspectivas diferentes. (Nota da IHU On-Line)

uma poesia e perca assim a dimensão científica que ela reivindica muito vigorosamente no fim da Idade Média, por exemplo, no pensamento de Tomás de Aquino⁴. O trajeto da *Divina Comédia* é uma elevação progressiva do pensamento filosófico, simbolizado por Virgílio, que é o guia do Poeta nos dois primeiros reinos, à teologia, representada pela figura de Beatriz e depois por São Bernardo.

As metáforas da teologia estão presentes em Dante, como, por exemplo, a assimilação de Deus a uma luz transcendente, mas adquirem para eles um sentido diferente, uma vez que é um poeta. De fato, a linguagem poética não é da mesma natureza que a dos outros homens, pois, para Dante, o poeta possui uma dimensão profética. Sua linguagem não é um simples meio de significação, mas um procedimento de revelação; ela não se apresenta num sentido literal, mas em múltiplos sentidos simbólicos que permitem o acesso a sentidos ocultos, os quais não podem ser expressos pelas palavras comuns. Nesse sentido, poderíamos dizer sem exagero que a verdadeira teologia deixa de ser, para Dante, um discurso racional como podia ser em Tomás de Aquino, mas, ao contrário, vai além da filosofia, que não pode ser suficiente para alcançar o divino: ela é poesia.

Poesia metamorfoseada

No entanto, não se trata mais da mesma poesia de *Vita nova* ou de *Le Rime*, obras de sua juventude: trata-se de uma poesia metamorfoseada, de uma transfiguração da língua em que a musicalidade se sobrepõe ao sentido. O poeta é, para Dante, o autor verdadeiro, um criador de laços entre o terrestre e o celeste, que ele já evocava em *Il Convívio*, em que definia o autor verdadeiro como aquele que interliga as vogais. Estas vogais – às quais, bem mais tarde, Arthur Rimbaud, o “vidente”, dedica um poema – e seu jogo vão levar a uma musicalidade nova, e, se a linguagem pode apreender o divino, é antes de tudo por ser

4 Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, filósofo, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e doutor da Igreja cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

“O latim, enquanto língua dos antigos, estruturada de acordo com uma gramática estrita e imutável, permite forjar silogismos universais e manifesta o poder da demonstração”

capaz de desenvolver um ritmo, uma musicalidade, que constitui a imagem humana da perfeição e da musicalidade paradisíaca. O termo “teologia” deixa de ter, portanto, o sentido que possuía na teologia racional de Tomás de Aquino e torna-se uma maneira de restituir um discurso sobre o divino que excede a razão lógica para entrar numa mística do ritmo.

IHU On-Line – Em que medida Dante aprendeu o divino através da linguagem?

Didier Ottaviani – Dante já está inserido no espírito do Renascimento: compreendeu que o artista não era o produtor, o artesão ao qual o pensamento medieval o havia reduzido; ele é um autêntico *criador* e, nesse sentido, imagem de Deus na terra. Se a linguagem racional não pode apreender o divino por seus conceitos, que nunca são capazes de conter em seu bojo a infinidade de Deus, então outra via deve ser buscada, aquela de uma divinização do homem pela elevação de sua palavra. O homem não foi criado à imagem de Deus no sentido em que teria uma estrutura intelectual que o assimila ao que se denomina, desde Aristóteles, o *Intellect Agent*, mas por ser capaz, graças à atividade de sua linguagem, de ser um espelho da atividade divina. A divindade do ho-

mem não é uma aquisição, um dado que qualquer homem possuiria sem fazer nada, mas, sim, uma conquista que cada indivíduo deve realizar na superação de si mesmo. A ideia de que Deus seja um Verbo não é uma simples metáfora, mas uma analogia que nos convida a compreender que o homem deve transcender seu ser elevando a linguagem sensível à sua perfeição. Seria necessário diferenciar aqui a *linguagem*, que é comum, simples estrutura de signos que permite a comunicação, da *palavra (fala)*, que é a sua dimensão mais elevada e leva o indivíduo à sua própria superação. Aprender o divino é elevar-se da linguagem à palavra, aproximar-se de Deus tanto quanto possível, tentando restituir a plenitude divina nos limites da imperfeição da nossa língua. Essa busca, no entanto, não pode ser senão assintótica: do mesmo modo que uma distância ínfima, embora infinita, separa o dedo do homem do dedo de Deus na *Criação de Adão*, o afresco de Michelangelo que ornamenta o teto da Capela Sistina, a mais pura palavra humana permanece na fronteira do divino, sem poder expressá-lo totalmente. No canto XXX do *Paraíso*, Dante percebe então que sua palavra é “vencida” pela perfeição de seu objeto, como São Paulo, incapaz de descrever as maravilhas vistas no Paraíso em seu retorno ao mundo terrestre. Dante aprendeu, assim, graças ao seu trabalho sobre a língua, não somente o fato de que a divindade do homem reside nessa linguagem, que, pela poesia, pode elevar-se a uma palavra pura, mas também que o divino permanece inacessível, inefável: um Verbo situado além de toda palavra humana.

IHU On-Line – Qual é a influência de Pseudo-Dionísio⁵ sobre Dante?

Didier Ottaviani – Sua influência é fundamental em vários níveis. Primeiramente, porque, à época, este autor não é considerado “pseudo”,

5 Pseudo-Dionísio, o Areopagita: nome pelo qual é conhecido o autor de um conjunto de textos (Corpus Areopagiticum) que exerceram, segundo os historiadores da filosofia e da arte, uma forte influência em toda a mística cristã ocidental na Idade Média. O autor se apresenta como Dionísio, o ateniense membro do Areópago, o único convertido por São Paulo (em Atos 17:34), no Século I. (Nota da IHU On-Line)

mas o verdadeiro Dionísio, ateniense, membro do Areópago, que ouviu os sermões de São Paulo. Por sua proximidade com este, Pseudo-Dionísio teria aprendido com o Apóstolo os segredos mais elevados, os quais teriam sido restituídos em suas obras, o que faz dele o autor de referência para quem deseja expressar o divino. A noção de “hierarquia” que encontramos em Dante é de inspiração dionisíaca – na *Divina Comédia*, ele reproduz as ordens hierárquicas dos anjos que são as mesmas de Dionísio em *A hierarquia celeste* – e esta é fundamental para o Poeta, pois a estrutura hierárquica das coisas é o que torna possível a viagem da terra ao céu, postulando uma quase continuidade da escala do ser. *A Teologia mística* e o tratado dos *Nomes divinos* são fundamentais para Dante na medida em que essas obras revelam que a linguagem encontra seus limites quando tenta ter acesso ao campo do divino e que somente o símbolo nos permite dizer o indizível. Isso é especialmente importante para um poeta que, desde a sua juventude, trabalha as metáforas, pois ele descobre ali a possibilidade de alcançar o divino pelo simbólico.

Tradição dionisíaca

A influência mais marcante de Dionísio sobre Dante talvez seja a assimilação de Deus a uma luz (*lux*), que é o fio condutor fundamental para seguir o pensamento de Dante. Por certo, a tradição dionisíaca se mistura a um conjunto de outras tradições no que se refere a esse ponto, como, por exemplo, aquela do pensamento de São Boaventura, mas Dionísio permanece, para um cristão, a referência essencial quando se tenta pensar Deus como luz. Tomás de Aquino, que recusava a ideia de um Deus *lux*, procurou mostrar que as afirmações de Dionísio a esse respeito eram apenas simples metáforas, mas Dante, por sua vez, vai seguir os partidários de uma teologia e de uma metafísica luminosas, inserindo-se assim numa tradição oposta ao tomismo cuja fonte primeira deve ser buscada em Pseudo-Dionísio.

IHU On-Line – Em que aspectos é possível dizer que Dante forjou uma nova linguagem?

“Dante não é brando com os religiosos de sua época, denunciando Papas hereges e corruptos que ele não hesita em colocar no Inferno, ou fustigando o desvio das grandes ordens monásticas”

Didier Ottaviani – É comum afirmar que Dante é o pai da língua italiana, não por ele ter estabelecido os seus termos ou as suas regras, os quais já existiam antes dele, mas no sentido de que deu à língua uma nova dimensão pessoal. Já em sua juventude, Dante fazia parte do movimento poético do *Dolce stil novo*, cuja principal reivindicação era a novidade, que passava necessariamente por uma renovação da língua. Dante herdou isso do pensamento dos trovadores e dos troveiros, que ele conhecia perfeitamente e os quais se definiam como *trouveurs* (aqueles que encontram) da língua, conscientes de que é impossível ser um verdadeiro poeta se não se criar sua própria linguagem. Portanto, isso não é uma peculiaridade de Dante, pois, sob este aspecto, Pessoa, Verlaine, Milton, Garcia Lorca ou Hölderlin também forjaram uma nova linguagem em suas línguas.

Dívida filosófica

No caso de Dante, a novidade de sua linguagem poética é magnificamente ilustrada pela *Divina Comédia*, que poderíamos considerar como uma verdadeira travessia da língua,

que se metamorfoseia progressivamente. Como o *Inferno* é o reino do mal e do caos, suas sonoridades são rudes, enquanto o *Paraíso* apresenta uma língua muito mais fluída. Dante não hesita então em criar neologismos como *indovare* ou *trashumanar*, que expressam a novidade da língua, atingindo seu ponto culminante e sua perfeição. Cabe também observar que Dante foi um dos primeiros a escrever uma obra filosófica em italiano, *Il Convívio*, e, neste sentido, forjou uma nova linguagem filosófica, deslocando os conceitos latinos clássicos para um vocabulário italiano. Este ponto pode parecer secundário, mas é essencial na medida em que, à época, a língua da filosofia era o latim. No início de *Il Convívio*, Dante evoca longamente, sob a forma de uma desculpa, as razões que o levaram a escolher a língua vernácula para filosofar. A filosofia em língua italiana manterá, durante muito tempo, uma dívida com Dante, que lhe deu suas primeiras grandes obras.

IHU On-Line – Dante pode ser considerado um poeta do Absoluto? Por quê?

Didier Ottaviani – Esta resposta será mais breve, pois, de certa maneira, as perguntas anteriores e as seguintes já respondem. O Absoluto é o verdadeiro objeto de Dante em toda a sua obra, pois ele sempre procura ultrapassar o nível do homem na direção de uma “transumanização”, que é o Absoluto do humano, sua mais perfeita expressão. A busca amorosa, em Dante, sempre se orienta para um absoluto: o absoluto do amor cortês, o absoluto filosófico e, por fim, o Absoluto divino, que contém os dois anteriores, elevando-os, ao mesmo tempo, a uma nova significação, numa poesia que reivindica o alcance de uma palavra por si mesma absoluta. Para plagiar o que Rabelais dirá mais tarde, toda a obra de Dante deve ser lida “em sentido mais elevado”, ou seja, é necessário atravessar o texto para elevar-se à perfeição ocultada detrás dos versos e das rimas. Observemos, contudo, que, como o Absoluto não pode ser alcançado nesta vida por causa da nossa fraqueza humana, o objetivo é o próprio caminho: Dante é então um “poeta do Absoluto” não

por nos entregá-lo, mas porque nos convida a buscá-lo com ele.

IHU On-Line – De que forma a *Divina Comédia* retrata o mundo medieval e os costumes daquela época?

Didier Ottaviani – Esta questão é muito complexa, porque, apesar da novidade de sua arte e de seu pensamento, Dante permanece um autor totalmente imerso em sua época, a qual ele retrata, poder-se-ia dizer, de maneira anacrônica, “impressionista”. O retrato do mundo medieval em que ele vive revela-se assim progressivamente, verso após verso, por pequenos indícios que podem compor o tema de obras inteiras e não podem ser explicados brevemente. São muitas, na verdade, as indicações sobre as instituições ou a sociedade, suas ordens e suas corporações, os modos de vida, o lugar central que a família ocupa ou mesmo as diversões e as festas. Ele nos dá a ver um mundo em que a Igreja sempre ocupa um lugar central, mas sem privar realmente os indivíduos de certa liberdade de expressão. Dante, na verdade, não é brando com os religiosos de sua época, denunciando Papas hereges e corruptos que ele não hesita em colocar no Inferno, ou fustigando o desvio das grandes ordens monásticas: no canto XXII do *Paraíso*, por exemplo, ele denuncia as abadias que se tornaram “cavernas”, pois, para ele, essas ordens traíram em sua época os preceitos de seus fundadores, como São Bento ou São Domingos. Essa crítica da Igreja permite também descobrir a emergência de um pensamento laico, do qual Dante é um dos grandes representantes, possibilitando a compreensão de que, à época, surge uma nova classe social, aquela dos “intelectuais”, dos letrados, que não são os clérigos, principalmente graças ao surgimento de grandes centros universitários na Europa, como Bolonha ou Paris.

Sobressaltos do mundo medieval

O encontro de Dante com seu antepassado Cacciaguida, nos cantos XV e XVII do *Purgatório*, é muito instrutivo sobre a evolução do mundo medieval da sua época. Seu antepassado faz um retrato nostálgico da Florença do século XII que permite identificar o que mudou: as mulheres não ficam

“A divindade do homem não é uma aquisição, um dado que qualquer homem possuiria sem fazer nada, mas, sim, uma conquista que cada indivíduo deve realizar na superação de si mesmo”

mais confinadas nos afazeres domésticos e começam a trabalhar, os costumes se dissolveram e o orgulho reina por toda parte, levando à degenerescência das grandes famílias que ainda reinam nas cidades. O Poeta descreve também cidades italianas onde as instituições comerciais e financeiras conquistam um lugar cada vez mais importante, denunciando várias vezes o reinado do dinheiro, que corrompeu os costumes.

Dante nos dá também muitas indicações sobre o pensamento da época, que, desde o século XII, se modifica consideravelmente em decorrência das traduções, feitas a partir do árabe, de textos científicos e filosóficos da Antiguidade, e sobre a manutenção de superstições e práticas mágicas que ele condena. Em suma, Dante descreve um mundo em rápida mutação, uma sociedade medieval latina que se manteve estagnada durante muito tempo e que sofre mudanças rápidas, parecendo às vezes apavorar o Poeta. Se, por um lado, a decadência moral o aflige, a qual ele exagera provavelmente, por outro lado, ele se deslumbra com o progresso das ciências e das artes, como, por exemplo,

a medicina, que alcança nessa época seu apogeu, ou a construção das grandes catedrais. Desse modo, Dante nos permite ver os últimos sobressaltos de um mundo medieval que chega ao fim e já anuncia os primeiros sinais do Renascimento.

IHU On-Line – Quais são os grandes temas dessa obra que se mantêm atuais?

Didier Ottaviani – Esta questão, da qual quero me ocupar um pouco demoradamente, é muito importante e diz respeito a todos os grandes textos da cultura humana, aplicando-se também à *Odisseia*, de Homero, a *Eneida*, de Virgílio, a *Dom Quixote*, de Cervantes, ou aos *Ensaíos*, de Montaigne. Pode parecer paradoxal que a *Divina Comédia*, embora sendo uma obra profundamente inserida em sua época, seja também uma grande modernidade. Não tanto pelo que essa obra nos ensina no plano filosófico ou científico quanto pelo que ela nos permite compreender sobre o destino do homem. É, na verdade, uma obra que trata do sujeito humano em toda a sua profundidade e do sentido que cada um deve dar à sua vida. Para um cristão, é certamente uma obra central ainda hoje, uma vez que ela defende valores morais, apresenta os elementos fundamentais de uma atitude mística, convida à humildade perante Deus e incentiva a buscar em nós mesmos a Luz divina. Mas é importante destacar que o ensinamento de Dante vai muito além dos limites do cristianismo e nos dá verdadeiras lições de vida, seja qual for a nossa religião, até para aqueles que não creem, e, sem dúvida, este aspecto é o menos evidente. Somente uma leitura superficial veria nesse poema o texto de um católico para católicos, mesmo que possa também ser em parte compreendido desta maneira. Se a *Divina Comédia* fala para todos os homens, os de ontem como os de hoje, é porque transmite uma mensagem humanista que é importante defender. Eu li aqui e ali críticas que chegaram a afirmar, por vezes, a necessidade de proibir a leitura desse texto (!), sob a alegação de que ele seria islamofóbico, machista ou conservador demais. Essas reações marcam simplesmente a incapacidade de seus autores de compreenderem verdadeiramente um

texto em profundidade e de lerem nas entrelinhas o que constitui sua modernidade. Certamente, escandalizaria a um muçulmano ver Maomé no Inferno, a uma feminista ouvir dizer que o lugar da mulher é em casa ou a um homossexual ler a condenação infernal dos sodomitas – e podemos compreendê-los. Mas Dante é um cristão do fim da Idade Média, sendo, portanto, necessário situá-lo em sua época para entender por que ele dizia essas coisas. Recriminá-lo por isso seria tão absurdo quanto criticar Aristóteles por justificar a escravidão. Sua modernidade está em outro plano, na maneira de considerar o indivíduo, o sujeito humano, como uma potência de expressão que deve cumprir seu destino procurando superar a si mesmo. Devemos ouvi-lo atentamente quando Dante nos diz para seguirmos seu “barco que navega cantando” para compreender exatamente o que ele pede. Seu texto não deve ser lido ao pé da letra; é o espírito deste texto que deve ser antes captado, isto é, a injunção feita ao homem para que ele se “transumanize”, para que saia de sua vida cotidiana e se abra à perfeição de si.

Filosofia da esperança

Já em sua época, Dante era sulfúreo: com que direito, por que movimento de orgulho ele pode ter a pretensão de alcançar o Paraíso, justo ele que, como ele mesmo diz, não é “nem Enéas nem Paulo”? Dante não tinha a pretensão de ir realmente ao Paraíso, mas desejava mostrar que o homem deve livrar-se de sua condição cotidiana, aprender a se questionar quando se afasta da “via reta” – afastamento esse que leva Dante ao Inferno bem no início da *Divina Comédia* – buscar incessantemente a perfeição. Atravessar o Inferno é assumir a nossa negatividade, as nossas imperfeições e os nossos defeitos, não para aceitá-los, mas para conhecê-los e assim combatê-los a fim de avançar rumo à perfeição. Para continuar respondendo a uma pergunta anterior, Dante nos convida a buscar o absoluto que está em nós, que às vezes perdemos de vista porque a vida humana nos conduz ao nível mais baixo, com seus sofrimentos e suas angústias. Mas, mesmo nas profundezas do Inferno, a luz da esperança não deixa de brilhar

“Se a Divina Comédia fala para todos os homens, os de ontem como os de hoje, é porque transmite uma mensagem humanista que é importante defender”

totalmente, e precisamos segui-la se quisermos alcançar a felicidade.

Um episódio é especialmente esclarecedor a respeito disso: quando encontra no Inferno seu antigo mestre, Brunetto Latini, Dante quer sentar-se para conversar com o homem, mas Brunetto o dissuade de fazê-lo: se parar de caminhar, ele também se tornará prisioneiro nesse lugar durante cem anos. Este trecho deve ser lido num paralelo com as injunções de Virgílio, que pede a Dante para não olhar para trás no caminho: o homem deve avançar, e não estagnar, nunca parar diante das provocações, sempre progredir, ir em frente e se manter confiante no futuro. Ser um sujeito humano é nunca abandonar a esperança e sempre vencer as vicissitudes da vida, em vez de confinar-se nelas, pois nestas vitórias é que nos tornamos verdadeiramente humanos. Resumindo, a atualidade de Dante para nós está no fato de propor uma filosofia da esperança.

IHU On-Line – O senhor gostaria de acrescentar outro aspecto que não tenha sido mencionado?

Didier Ottaviani – Eu gostaria apenas de ressaltar brevemente a dimensão política do pensamento de Dante, amplamente desenvolvido em *Monarquia*, mas que também tem reflexos na *Divina Comédia*. O poeta, para ele, é um homem que não deve se retirar do terreno público, deve, ao contrário, engajar-se na vida da comunidade; e a

vida de Dante revela uma intensa atividade política. O Poema Sagrado revela, assim, nas entrelinhas, as grandes questões da época entre o poder temporal, representado pelo Imperador, e o poder espiritual do Papa, que reivindica a autoridade política. Dante se posiciona do lado dos partidários do Imperador, escolhendo o partido dos Guelfos “brancos”, próximos, na verdade, da facção adversa, dos Gibelinos, em oposição aos Guelfos “negros”, próximos do Papa. Ele considera, de fato, que o governo político não deve caber ao Soberano Pontífice – na época, Bonifácio VIII, com quem Dante está em conflito aberto –, pois o papel deste é ocupar-se da conduta moral dos indivíduos, e não de suas ações civis. As críticas violentas à Igreja que podemos ler na *Divina Comédia* devem ser aclaradas por esse contexto político particular, que obrigou Dante a exilar-se fora de Florença, onde foi condenado à fogueira. Esta condenação não será desprovida de consequências sobre a escrita do Poema Sagrado, pois quem melhor que um exilado errante no norte da Itália podia pensar simbolicamente a vida como uma viagem eterna?

Leia mais...

>>A revista **IHU On-Line** já publicou outras entrevistas sobre Dante Alighieri. Confira:

- *A Cocanha como utopia e Dante como poeta do Absoluto*. Entrevista Hilário Franco. Edição 198 da revista **IHU On-Line**, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/11He5GQ>
- *Dante: um poeta extremamente autobiográfico*. Entrevista com Eduardo Sterzi. Edição 264 da revista **IHU On-Line**, de 30-06-2008, disponível em <http://bit.ly/14siydb>
- *Divina Comédia. A relação entre poesia e Deus*. Entrevista com Massimo Pampaloni. Edição 301 da revista **IHU On-Line**, de 20-07-2009, disponível em <http://bit.ly/LHKaXb>
- *O livro de Deus na obra de Dante*, de Marco Lucchesi. Edição 65 dos **Cadernos Teologia Pública**, disponível em <http://bit.ly/16kw4nP>

Livro da Semana

Alexandria, Clemente de. *Exortação aos Gregos*.

Tradução: Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo: É Realizações, 2013

Uma síntese cultural entre filosofia helênica, poesia, música e medicina

Rita de Cássia Codá dos Santos, tradutora da obra “Exortação aos Gregos”, defende que Clemente de Alexandria será um pregador da e para a elite grega de Alexandria. “E seu maior legado é a fusão magistral que faz da filosofia grega com o cristianismo”

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

“Clemente foi o primeiro grande teólogo cristão a lançar mão da filosofia grega sem, no entanto, deixar de considerar a fé superior àquela”. A afirmação é da professora Rita de Cássia Codá dos Santos, tradutora da obra “Exortação aos Gregos”, de Clemente de Alexandria, que acaba de ser lançada pela É Realizações. Na entrevista que aceitou conceder por e-mail à **IHU On-Line**, Rita acredita que, para o cristão do século XXI, Clemente continua atual, pois sua exortação “vai além do teológico; é também uma lição de estilo poético de rara beleza, um profundo conhecedor da natureza dos gregos que, por metonímia, é a de todo homem. Para ele, o que impede o crescimento espiritual são sempre o orgulho e a ignorância. A verdadeira sabedoria que o homem pode adquirir é simplesmente centelhas do *logos* divino. E não há outra sabedoria”.

Rita de Cássia Codá dos Santos possui graduação e licenciatura em Grego, e em Português e Alemão, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Letras Clássicas e em Letras Vernáculas pela mesma instituição e doutorado em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Atualmente é professora de Português e Literatura do Colégio Pedro II (Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro) e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, onde ministra cursos de língua e literatura gregas. Rita traduziu para o português o livro “Exortação aos Gregos” (Protréptico) de Clemente de Alexandria, como complemento da tese de doutorado. Atualmente está traduzindo o “Pedagogo”, também de Clemente de Alexandria.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi Clemente de Alexandria?

Rita de Cássia Codá dos Santos – Tito Flávio Clemente¹ (145-215) foi

nhecido também como Clemente de Alexandria foi um escritor, teólogo, apolo-gista e mitógrafo cristão grego nascido em Atenas. Pesquisou as lendas menos compatíveis com os valores cristãos. Sua abertura a fontes familiares aos não cris-

tao homem de grande erudição, um *pepaideumenos*², como se diz em gre-

tãos ajudou a tornar o cristianismo mais aceitável para muitos deles.

² Palavra de origem grega que significa homem culto, em oposição ao ho-

¹ Tito Flávio Clemente (145-215): Co-

go clássico. Provavelmente pertencia à alta classe social. Não se sabe, ao certo, se nasceu em Atenas ou em Alexandria. Ao converter-se ao cristianismo, com mais de trinta anos, andou pelo Oriente Médio (Síria, Palestina) em busca da verdadeira gnose, mas foi na Magna Grécia (sul da Itália) que ele encontrou um mestre cristão, Panteno, de formação estoica, que o fez entender que não precisava deixar de lado a filosofia grega para se tornar um bom cristão. Que o Evangelho e a sabedoria dos helenos não são de todo inconciliáveis. Muito pelo contrário, houve, segundo Panteno, um desígnio divino para que o cristianismo se encontrasse com a cultura helênica. Em verdade, Clemente foi o primeiro grande teólogo cristão a lançar mão da filosofia grega sem, no entanto, deixar de considerar a fé superior àquela. Com o método alegórico de Fílon de Alexandria³, ele continua e aprofunda a tradição catequética de Panteno. Outro tópico essencial em Clemente é a questão da gnose. Ele propõe uma gnose cristã, em oposição a uma gnose herética ou heterodoxa. E é isso que vai envolvê-lo numa cadeia de mal-entendidos históricos e doutrinários. Primeiramente foi Fócio⁴, patriarca de Constantinopla (820-895) que, sem o devido distanciamento histórico, deixa Clemente numa situação ambígua perante a ortodoxia dogmática, após ler e resenhar as obras clementinas; o problema estava nas *Hypotypóseis* (*Ensaios/Demonstrações*). Depois da avaliação de Fócio, esta obra entrou no rol das desaparecidas. Depois, em 1748, o papa Bento XIV⁵, através da bula *Postquam*

mem ignorante.

3 **Fílon de Alexandria** (25 a.C. - c. 50): filósofo judeo-helenista que viveu durante o período do helenismo. Tentou uma interpretação do antigo testamento à luz das categorias elaboradas pela filosofia grega e da alegoria. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, onde expôs a sua visão platônica do judaísmo. (Nota da IHU On-Line)

4 **Fócio I de Constantinopla** (820 – 893): Foi o patriarca de Constantinopla entre 858 e 867 e, novamente, entre 877 e 886 d.C. Ele é reconhecido pela Igreja Ortodoxa como São Fócio, o Grande. (Nota da IHU On-Line)

5 **Papa Bento XIV** (1675-1758): nascido Prospero Lorenzo Lambertini, foi Papa de 17 de agosto de 1740 até sua morte. Foi eleito com 50 votos entre 51 votantes do longuíssimo conclave de 1740. (Nota da

“Não há incompatibilidade entre a cultura e a fé”

intelleximus, excluiu Clemente de Alexandria do Cânon. Clemente será um pregador da e para a elite grega de Alexandria. E seu maior legado é a fusão magistral que faz da filosofia grega com o cristianismo.

IHU On-Line – Quais são as ideias fundamentais e que reflexões elas propõem ao sujeito do século XXI?

Rita de Cássia Codá dos Santos – Primeiramente, que não há incompatibilidade entre a cultura e a fé. Daí ele se lançar incisivamente contra os cultos politeístas e os mistérios de iniciação dos gregos. Isso, para ele, era algo ininteligível. O culto de estátuas de deuses cuja história nem sempre é edificante, muitas delas imorais e destrutivas, os mistérios iniciáticos, tudo era risível quando confrontado com a arrogância e a sabedoria grega. Outra ideia fundamental é “transfiguração” que ele faz de certos tópicos do paganismo grego para “mostrar” Cristo, o *logos* divino aos gregos. Ele usa todo o léxico dos mistérios para se referir a Cristo. E tudo isso envolto numa linguagem altamente poética. Por fim, ele propõe aos gregos abandonar a loucura do paganismo e acolher o *logos* divino que, ao lado de grandes tópicos da filosofia grega, é a verdadeira filosofia, o “cântico novo do *logos*”. Para o cristão do século XXI, creio que Clemente continua atual, pois sua exortação vai além do teológico; é também uma lição de estilo poético de rara beleza, um profundo conhecedor da natureza dos gregos que, por metonímia, é a de todo homem. Para ele, o que impede o crescimento espiritual são sempre o orgulho e a ignorância. A verdadeira sabedoria que o homem pode adquirir é simplesmente centelhas do *logos* divino. E não há outra sabedoria.

IHU On-Line

IHU On-Line – Qual é o contexto da escrita dessa obra?

Rita de Cássia Codá dos Santos – O *Protréptico pròs Héllenas* (*Exortação aos Gregos*) foi escrito entre 193 e 195, depois do governo de Cômodo, quando a Igreja usufruiu de uma relativa paz, e o cristianismo começa a penetrar nos ambientes mais refinados e de maior poder aquisitivo. Do ponto de vista literário, Clemente pertence à Segunda Sofística, um movimento literário que tencionava trazer de volta o grego de Platão⁶ e dos grandes oradores áticos. Por isso *Exortação aos Gregos* é um lídimo produto, do ponto de vista literário, deste movimento cultural.

IHU On-Line – Como a filosofia e a teologia se imbricaram no pensamento de Clemente?

Rita de Cássia Codá dos Santos – Clemente, como um aristocrata, passou por todos os níveis da *paidéia* (educação) grega. E a filosofia era o último estágio da formação do homem grego. Portanto, ele era um filósofo, no sentido grego, mesmo sem ter deixado um sistema próprio. Era, digamos, um grande erudito. Seu contato com Panteno foi decisivo para a sua postura em face do cristianismo. Ele aprende com o mestre siciliano que o cristianismo não rechaça a filosofia grega, que um precisa do outro, porque a filosofia foi o primeiro relampejo do *logos*. O que ele faz, na verdade, é uma bela síntese cultural; aproveita não apenas a filosofia helênica, mas também a poesia, a música e a medicina para mostrar que não há nenhum demérito em acatar o cristianismo, mesmo para aqueles que se consideram cultos.

6 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e *o Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da *Revista IHU On-Line*, de 25-05-2009, intitulada *Platão*. A totalidade em movimento, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Quais foram os principais desafios na tradução?

Rita de Cássia Codá dos Santos – Há dois grandes desafios aos tradutores de Clemente de Alexandria: o primeiro é a vasta erudição do autor, que vai da filosofia à música, à medicina, à literatura e aos mistérios de iniciação dos gregos e de outros povos do mundo helenístico-romano. Como cristão recém-converso, ele está ainda muito emocionado, e isso se percebe em seu discurso que, às vezes, envereda por caminhos outros; o segundo, de certa maneira ligado ao primeiro, são os anacolutos, as quebras da estrutura sintática e períodos longos. Seu grego é erudito, não é a *Koiné*, pois, como já disse, ele fazia parte da Segunda Sofística, movimento cultural que trazia de volta a pureza da língua grega.

IHU On-Line – Qual a importância da tradução para os que estudam teologia e filosofia?

Rita de Cássia Codá dos Santos – A importância da *Exortação aos Gregos*, para os estudantes de filosofia e teologia, está no fato de esta obra se tratar de uma exortação *sui generis*, pois só a partir do capítulo VIII (dos doze que a compõem) é que o autor assume um tom apologético. Nos capítulos anteriores, ele faz uma “uma minuciosa e erudita crítica aos cultos e mistérios pagãos”. Por ser uma apologia “diferente”, a obra é de extrema

“Não há nenhum demérito em acatar o cristianismo, mesmo para aqueles que se consideram cultos”

originalidade. É a primeira grande síntese operada entre o cristianismo e a cultura grega.

IHU On-Line – O que podemos entender por “helenização do cristianismo”?

Rita de Cássia Codá dos Santos – Em Clemente de Alexandria, helenização do cristianismo é o que ele faz, ao operar uma síntese cultural, a saber, tentar justificar certos tópicos da filosofia e a erudição gregas como sendo um desígnio do *logos* divino, isto é, o primeiro sinal de *logos*. Mesmo assim, não são todos os filósofos que têm esse mérito. Ele até critica mordazmente aqueles que detur-

param essa filosofia. Ele, Clemente, um novo homem, tenta construir um novo humanismo, uma nova filosofia: a filosofia cristã. Para isso ele se vale de todo um acervo cultural que, a princípio, põe por terra; em seguida, reedifica-o, a partir do pensamento cristão. Cristo é descrito como o grande *mistagogo*, o *epópita* (título dado aos grandes iniciados nos mistérios), o grande ator no cenário do universo, para, enfim, ser visto como o *logos* divino e seu cântico novo (o Evangelho). Primeiramente ele usa a lexicografia dos mistérios gregos, a realidade cultural helênica, os cultos ancestrais e submete-os a uma crítica ferrenha, parece que nada vai sobrar; em seguida ele retoma o que restou, confronta com o cristianismo e estabelece uma nova proposta de vida aos gregos: o humanismo cristão. Um dos entrecchos mais expressivos é este, que se refere a Tirésias, lendário adivinho cego de Tebas, como metonímia de todos os adivinhos e iniciados nos mistérios: “Vem a mim, ó ancião, deixa Tebas, tu, também! Abandona o vaticínio e o culto de Baco, deixa-te levar, pela mão, à verdade; vê, eu te dou o madeiro para te apoiares; apressa-te, Tirésias, crê: tu verás! O Cristo brilha mais que o sol; por meio dele, os olhos dos cegos recobram a vista, a noite fugirá de ti, o fogo se amedrontará, a morte se afastará; tu verá os céus, ó ancião, tu que não vês Tebas”.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 14-05-2013 a 20-05-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Operação Concutare põe em discussão o licenciamento ambiental

Entrevista especial com Paulo Brack, biólogo, Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio

Confira nas Notícias do Dia de 14-05-2013

Acesse o link <http://bit.ly/13uMNkl>

“Divulgou-se recentemente que, nos últimos 10 anos, 13 secretários de meio ambiente ocuparam a pasta no Rio Grande do Sul. Já vínhamos denunciando que estes cargos estavam sendo utilizados como prêmio consolação para políticos que não obtinham êxito nas eleições do Estado, e eram neófitos em meio ambiente”, aponta o pesquisador. A Operação Concutare, da Polícia Federal, prendeu servidores públicos acusados de fraudes, corrupção e tráfico de influência em esquemas de licenciamento ambiental na Secretaria Estadual de Meio Ambiente do e na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto Alegre.

A retórica brasileira e o teste das convicções

Entrevista especial com Nancy Cardoso Pereira, teóloga, membro do Fórum Ecumênico Israel Palestina, e Romi Bencke, teóloga, pastora luterana e atual secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – Conic
Confira nas Notícias do Dia de 15-05-2013
Acesse o link <http://bit.ly/YVh5xF>

“A busca pela paz justa cria parâmetros e critérios para avaliar não só as relações de poder entre Israel e Palestina, mas também revela o burocratismo retórico aqui no Brasil de políticos e partidos que continuam se referindo a políticas de paz e tolerância, direitos e diálogo, mas que não passam no teste das convicções”, assinalam as entrevistadas. O comentário se refere ao contrato assinado entre o governo do Estado do Rio Grande do Sul e a companhia militar israelense Elbit, empresa que foi excluída da carteira de clientes do **Deutsche Bank**, por não atender aos padrões éticos.

Massacre de Felisburgo: “O conflito só será encerrado com a reforma agrária”

Entrevista especial com Silvio Netto,

integrante da direção do MST de Minas Gerais

Confira nas Notícias do Dia de 16-05-2013

Acesse o link <http://bit.ly/10HKoiq>

Os trabalhadores rurais estão “acampados em Belo Horizonte em repúdio à postura do poder Judiciário” que, segundo Netto, tem uma postura “conivente com a violência no campo, orientada pelo agronegócio e pelo latifúndio”. Após oito anos do massacre, as famílias continuam acampadas no município de Felisburgo aguardando a legalização das terras ocupadas. O Massacre de Felisburgo ocorreu em 20 de novembro de 2004, quando cinco trabalhadores rurais foram assassinados no acampamento Terra Prometida, dentro da Fazenda Nova Alegria, no município de Felisburgo, localizado no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Relatório Figueiredo. “Exame de consciência de como o Brasil tratou e trata os povos indígenas”.

Entrevista especial com Spensy Pimentel, doutor e mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP, onde graduou-se em Jornalismo

Confira nas Notícias do Dia de 17-05-2013

“A ida da ministra Gleisi Hoffman ao Congresso, na semana passada, anunciando a revisão da forma como são demarcadas as terras indígenas, assinala um agravamento da crise”, diz Spensy Pimentel à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por e-mail. Para o antropólogo, transferir a responsabilidade do processo de demarcação das terras indígenas no Mato Grosso do Sul para a Embrapa não é uma solução.

Tema
de
Capa

Destques
da Semana

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU
programados para a semana de 20-05-2013 a 27-05-2013

Data: 20-05-2013

Evento: A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade

Palestrante: Profa. Dra. Heloisa Helena Barboza (UERJ)

Horário: 17h às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/13JT2jU>

Data: 21-05-2013

Evento: Crise do Capitalismo no Cinema - Exibição do filme - *Debtocracy*

Horário: 17h às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/13AYHtv>

Data: 22-05-2013

Evento: Razão, método e ciência em Feyerabend

Palestrante: Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner (Unisinos)

Horário: 19h30 às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/OXkjpj>

Data: 23-05-2013

Evento: IHU ideias - Tecnologias e sustentabilidade nos processos de produção complexos

Palestrante: Prof. Dr. Jefferson Gomes (Gerente executivo do Senai, Brasília)

Horário: 17h30 às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/16q5V73>

Data: 23-05-2013

Evento: Pesquisa aplicada e o uso das engenharias em prol da sociedade

Palestrantes: Prof. Dr. Jefferson Gomes (Gerente executivo do Senai, Brasília) e Prof. Esp. Celso Peter (Unisinos)

Horário: 19h30 às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/16E00jj>

Entrevistas de Eventos

Uma nova relação entre regras e práticas

Anna Carolina Regner aponta que, para Feyerabend, “nem a ciência, nem a racionalidade são medidas universais de excelência; são tradições particulares, não conscientes de seu enraizamento histórico”

POR GRAZIELA WOLFART E RICARDO MACHADO

“**Q**ue cada um trace suas pegadas, não é sinônimo de cada um criar ou destruir sua própria tradição. Não pertence ao escopo do indivíduo fazê-lo. Mas pertence-lhe o direito de saber, por exemplo, que, mesmo defendendo a ideia de valores absolutos, a tradição que os defende não é absoluta. Isso amplia sua consciência e abre espaço para a liberdade criadora”. Foi baseada no pensamento de Paul Feyerabend que a filósofa e professora na Unisinos Anna Carolina Regner fez esta afirmação, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. E continua: “para além das suas motivações, contudo, Feyerabend certamente nos faz refletir sobre nossa restrita compreensão crítica da ciência, sobre a ousadia de seus grandes marcos ao não se acanharem diante dos ditames estabelecidos do método, que a racionalidade não se reduz à tímida observância de tais ditames, e traz uma golfada de ar fresco para se acreditar que a inovação é possível e que a comparação entre alternativas é necessária”.

No próximo dia 22 de maio, o tema “Razão, método e ciência em Feyerabend”, será abordado na palestra da Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner, da Unisinos. O evento acontece na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, das 19h30min às 22h e integra a programação do seminário

que antecede e prepara o **XIV Simpósio Internacional IHU – Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades – A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea**, que ocorrerá de 21 a 24 de outubro de 2014, na Unisinos (mais informações em <http://bit.ly/17XdPIT>).

Em setembro do ano passado a professora abordou o tema “O conceito de abundância em Feyerabend” no evento IHU ideias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Na ocasião, concedeu a entrevista intitulada “Ciência para a felicidade humana”, publicada na edição número 403 da **IHU On-Line**, de 24-09-2012, que está disponível em <http://bit.ly/OXkjpJ>.

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Anna Carolina é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Doutorou-se em Educação pela UFRGS e é pós-doutora pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É autora de *Charles Darwin, notas de viagem: a tessitura social no pensamento de um naturalista* (Porto Alegre: EST/Grafosul, 1988).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos compreender razão, método e ciência em Paul Feyerabend?

Anna Carolina Regner – Essa questão é o tema previsto para ser discutido em minha palestra, quando teremos mais tempo para examiná-lo em sua complexidade, que vai na seguinte direção: a razão é comumente identificada como aquela faculdade que se exercita (organiza, relaciona nossas ideias, infere novas) segundo princípios e padrões universalmente válidos. A grande garantia dessa universalidade é o conjunto de regras que gera em seu exercício e os procedimentos que viabilizam a observância delas. Dito de modo breve, a razão é reconhecida pelo “método” que instaura e assegura a comensurabilidade (medida de avaliação comum) a teorias e práticas que caracterizam a ciência, em que pese as profundas alterações que a ciência sofre em seu percurso histórico. Feyerabend critica essa abordagem conceitual e historicamente. Primeiro, a observância de regras como “só aceitar teorias que não conflitem com teorias aceitas e bem corroboradas” (critério de consistência teórica e adequação empírica), não só impediria o pretendido avanço crítico do conhecimento, protegendo antes o *status quo*, como a exploração enriquecedora da evidência, uma vez que essa se estabelece dentro de marcos teóricos e depende de comparação entre alternativas teóricas para garantir a diversidade da evidência. A observância de regras como “só aceitar hipóteses que não conflitem com fatos bem estabelecidos” (princípio de autonomia da experiência) não só nos deixaria sem ciência alguma, uma vez que nenhuma hipótese está em

“Para Feyerabend, todas as regras têm os seus limites e não há uma ‘racionalidade’ compreensiva”

acordo, tanto quantitativo como qualitativo, com todos os “fatos” sob sua jurisdição, mas impediria a própria autonomia de fatos bem estabelecidos, uma vez que não há “fatos nus” – todos são vistos de uma determinada maneira. Levada às suas últimas consequências, as regras inviabilizariam o alcance de seus objetivos e seriam autodestrutivas. Ou seja, levado às últimas consequências, o “racionalismo” caracterizado como a metodologia da comensuração levaria ao “irracionalismo”.

Abandono de razão, método e ciência?

Não se trata, contudo, de um literal abandono de “razão” e “método” ou mesmo de “ciência”, no pensamento de Feyerabend. Desde suas primeiras versões de *Contra o Método* (o ensaio de 1970 e a primeira edição do livro em 1975), as críticas de Feyerabend ao “racionalismo” têm um endereço bem definido – críticas a uma teoria estática da racionalidade, que elege uma tradição, nascida na Grécia no período pós-homérico como a detentora da teoria da “razão” e da “racionalidade”. Essa tradição substituiu a lista de diferentes estórias contadas no período homérico, relatos do que acontece na realidade e no conhecimento do que dela se tem, com suas circunstâncias e protagonistas por “a” estória, cuja distinção consiste em ser contada pelas “coisas mesmas”, abstraídas as peculiaridades das circunstâncias e dos agentes, dando lugar a um tipo especial de argumento, a prova. Temos, assim, “a” estória “verda-

deira”, “objetiva”, porque nos revela as coisas mesmas, e contada pela “razão”. A última sentença da 1ª edição de *Contra o Método* deixa, contudo, entreaberta a porta para que se pense uma racionalidade dinâmica, à luz da qual a “racionalidade” das nossas crenças será aumentada. Que racionalidade é essa? Na trajetória do pensamento de Feyerabend, sobretudo a partir da segunda edição inglesa de *Contra o Método* (1988), essa “racionalidade” ganha corpo. Três novos capítulos (17, 18, 19) falam-nos então sobre “padrões de racionalidade”, que não são conjunto de regras fixas e universais, mas padrões “contextualizados” emergentes de uma nova maneira de conceber as relações razão/prática, teoria/prática e universal/particular. O foco do interesse não é mais identificar o universal e o particular, mas a relação entre ambos. Desde o início de sua trajetória Feyerabend disse que seu objetivo era mostrar que todas as metodologias têm limitações, do que não segue que não haja metodologias. A face metodológica de seu anarquismo (ausência de um princípio único ou absoluto de organização) é o pluralismo metodológico. A ciência, por sua vez, deixa de ser uma tradição e passa a abrigar várias “tradições”, dentre as quais a do “racionalismo”, que deixa de ser “a tradição”. Em 1988, ele critica o “anarquismo ingênuo”, para o qual, dado que tanto regras absolutas quanto regras dependentes do contexto têm seus limites, segue-se que todas as regras e padrões não possuem valor e devem ser abandonadas. Feyerabend concorda com a primeira, mas não com a segunda. Para ele, todas as regras têm os seus limites e não há uma “racionalidade” compreensiva. Também é favorável a dar conta das regras em termos contextuais, mas não que as regras contextuais devam substituir as regras absolutas; antes, trata-se de suplementá-las – o que pede uma nova relação entre regras e práticas. Segundo ele, é essa relação o que caracteriza a posição que quer defender e que se expressa também sob a forma: *nem a ciência nem a racionalidade são medidas universais de excelência; são tradições particulares,*

1 Paul Karl Feyerabend (1924 – 1994): Filósofo da ciência austríaco que viveu em diversos países como Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Itália e Suíça. Seus maiores trabalhos são *Against Method* (publicado em 1975), *Science in a Free Society* (publicado em 1978) e *Farwell to Reason* (uma coleção de artigos publicados em 1987). Feyerabend tornou-se famoso pela sua visão anarquista da ciência e por sua suposta rejeição da existência de regras metodológicas universais. É uma figura influente na filosofia da ciência, e também na sociologia do conhecimento científico. (Nota da IHU On-Line)

não conscientes de seu enraizamento histórico.

IHU On-Line – Para Feyerabend qual a importância das “tradições” na história das práticas e das ideias? Como isso se contrapõe à bandeira que ele defendia de que cada um deve traçar seu caminho com suas pegadas?

Anna Carolina Regner – Cada indivíduo é participante de uma dada tradição, enquanto partilha valores, práticas e teorias, crenças com os demais membros da comunidade que se identifica com tal tradição. Práticas, teorias, bem como padrões e argumentos para sustentá-las compõem tradições que consistem de princípios claros e explícitos e de um fundo não percebido, amplamente desconhecido, mas absolutamente necessário, de disposições para ação e juízo. O indivíduo como membro de uma tradição pergunta dois tipos de questões diferentes: questões do *observador* (o que acontece?) e do *participante* (o que devo fazer?). A importância em compreender o papel das tradições, mesmo para entender a ciência, está em que críticos de uma prática assumem uma posição de observadores para com relação a essa prática, mas assumem uma posição de participante ao fazer uso dos padrões de “sua” prática para levantarem suas objeções. Assim, é possível que o registro de “erros” resulte do fato de que valores e outros componentes de cada uma sejam conflitantes. Enquanto a prática científica reúne sob si diferentes tradições, coloca em xeque a questão de uma metodologia universal da comensuração, com reflexo sobre pontos mais específicos tais como os chamados “experimentos cruciais”. Todavia, Feyerabend, já na segunda edição de *Contra o Método* (1988) e de modo explícito em “Potentially every culture is all cultures”, defende que diferentes culturas e tradições podem se interpenetrar, tanto por uma constatação de que há fenômenos de aculturação como pela condição de que a própria identidade cultural requer o reconhecimento da diversidade cultural. Como também aparece em sua autobiografia (*Killing*

“A razão sem o guia de uma prática deixamos perdidos, enquanto uma prática é enormemente aperfeiçoada pela razão”

time, 1994), a natural interpenetração de culturas explica porque não cabe dizer, a usar expressão do próprio Feyerabend, de um “assassinato” que o assassinato é “cultural” e assim justificá-lo. Por fim, que cada um trace suas pegadas, não é sinônimo de cada um criar ou destruir sua própria tradição. Não pertence ao escopo do indivíduo fazê-lo. Mas pertence-lhe o direito de saber, por exemplo, que, mesmo defendendo a ideia de valores absolutos, a tradição que os defende não é absoluta. Isso amplia sua consciência e abre espaço para a liberdade criadora.

IHU On-Line – Qual a luz oferecida por Feyerabend para pensarmos em uma nova maneira de entender a relação entre regras e práticas?

Anna Carolina Regner – Para esclarecer sua própria posição *interacionista*, começemos pelo modo de conceber as relações entre o que, no fundo, trata-se de *interações* entre duas “práticas”. Pensemos nas relações entre “razão e prática”. São relações em termos de uma atividade e o guia dessa atividade. De um lado a “razão”, com suas regras; de outro, a “prática”, a investigação a ser realizada. Para o *idealismo*, a razão guia e determina a prática. Para o *naturalismo*, a razão recebe tanto seu conteúdo como sua autoridade da prática. Ambas as posições possuem dificuldades. A inadequação de seus

padrões para dar conta da interação sugerem, para Feyerabend, que razão e prática não são duas entidades separadas, mas ambas são partes de um mesmo processo dialético. A razão sem o guia de uma prática deixamos perdidos, enquanto uma prática é enormemente aperfeiçoada pela razão. Diz Feyerabend que mesmo os mais perfeitos padrões ou regras não são independentes do material sobre o qual atuam e mesmo a prática mais desordenada não é desprovida de regularidades; que uma razão complexa e implícita é ainda uma razão e que uma prática com características formais simples ainda é uma prática. A posição de Feyerabend é, pois, *interacionista* e colhe do idealismo que a razão determina a prática e do *naturalismo* que a prática determina a razão, enquanto partes de um mesmo processo cujo “guia”, seja razão ou prática, é, ao mesmo tempo, parte da atividade guiada e sujeita a suas determinações.

IHU On-Line – Em que medida se percebe em Feyerabend a meta de uma pedagogia humanista e a multiplicidade inerente à riqueza do Ser?

Anna Carolina Regner – Em todos os momentos de sua obra ambos os fatores são percebidos: seja ao arrolar entre os argumentos a favor do anarquismo epistemológico, a promoção do desenvolvimento da consciência do indivíduo, a busca, também para a ciência, da liberdade artística, seja ao propor, no prólogo à versão espanhola de *Adios a la Razón* (ensaio, 1984, p. 17), que a sobrevivência da natureza e da humanidade é o problema mais difícil e urgente que existe e que concerne a todos: “empreguemos este conhecimento para resolver os dois problemas pendentes na atualidade, o problema da sobrevivência e o problema da paz: por um lado, a paz entre os humanos e, por outro, a paz entre os humanos e todo o conjunto da Natureza”.

IHU On-Line – Pensando nas influências do pensamento de Paul Feyerabend, em que sentido ele abre as portas para novas compreensões da ciência?

Anna Carolina Regner – Voltando à edição de 1993 de *Contra o Método* (p. 253), no sumário de seu último capítulo, onde examina as influências que sofreu em sua caminhada, ele diz: “O ponto de vista subjacente a este livro não é o resultado de um curso de pensamento bem planejado, mas de argumentos provocados por encontros acidentais. Raiva da destruição irresponsável das conquistas culturais das quais todos nós poderíamos ter aprendido, da pretenciosa segurança com a qual alguns intelectuais interferem nas vidas das pessoas, e desprezo pelas expressões melosas que usam para embelezar seus malfeitos, foi e ainda é a força motivadora por trás de meu trabalho”. Para além das suas motivações, Feyerabend certamente nos faz refletir sobre nossa restrita compreensão crítica da ciência, sobre a ousadia de seus grandes marcos ao não se acanharem diante dos ditames estabelecidos do método, que a racionalidade não se reduz à tímida observância de tais ditames, e traz uma golfada de ar fresco para se acreditar que a inovação é possível e que a comparação entre alternativas é necessária.

Referências

Feyerabend, Paul. *Adios a la Razón*. (traduzido por José R. de Rivera. Madrid: Editorial Tecnos, 1987 [1984].

_____. *Against Method (third edition)*. London: Verso, 1993.

_____. *Contra o Método* (traduzido por Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg). Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves editora, 1977 (tradução de *Against Method*. London: New Left Books, 1975).

_____. *Contra o Método* (traduzido por Miguel Serras Pereira de *Against Method*. London: Verso, 1988). Lisboa: Relógio D'Água, 1993 (tradução da edição inglesa de 1988).

_____. *Contra el Método: esquema de una teoría anarquista del conocimiento*. Barcelona: Ariel, 1974 (traduzido por Francisco Hernán de “Against Method: Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge”. *Minnesota Studies in the Philosophy of Science, vol.IV*. Minneapolis: University of Minnesota, 1970).

_____. *Killing Time. The Autobiography of Paul Feyerabend*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. Potentially Every Culture Is All Cultures. *Common Knowledge*, Fall/1994, p. 16-22.

Leia mais...

>> Anna Carolina Krebs Pereira

Regner já contribuiu com a **IHU**

On-Line em outras oportunidades.

Confira:

- *Ciência para a felicidade humana*. Entrevista publicada na edição número 403, de 24-09-2012, disponível em <http://bit.ly/OXkjpj>
- “Somos melhores depois de Darwin”. Entrevista publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 13-07-2009, disponível em <http://bit.ly/RJ2V8Y>
- *Deus e a ciência: a controvérsia interna de Darwin*. Artigo publicado na edição número 306, de 31-08-2009, disponível em <http://bit.ly/UIKRrr>
- Sua trajetória pessoal e profissional também pode ser lida na entrevista que concedeu para a IHU On-Line número 257, de 05-05-2008, disponível em <http://bit.ly/PuUe3X>

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Semicondutores: a grande revolução das últimas décadas

“O preço dos bens de informática continuará caindo, de forma que o custo não será mais uma barreira ao acesso, mas a falta de conhecimento ou o medo do computador sim”, percebe Celso Peter

POR RICARDO MACHADO E GRAZIELA WOLFART

Dentro da perspectiva de pensar a contemporaneidade a partir das revoluções tecnocientíficas, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove no dia 23-05-2013 a palestra “Pesquisa aplicada e o uso das engenharias em prol da sociedade”, com o professor Celso Peter, da Unisinos. A atividade ocorre na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, das 19h30 às 22h. Para adiantar o tema do debate com os leitores e leitoras da **IHU On-Line**, Celso Peter respondeu por e-mail as questões a seguir. Para ele, “um engenheiro é o profissional que mais pode fazer algo em prol da sociedade, em algumas circunstâncias mais que um médico, (...) porque as engenharias atuam na solução e na prevenção, podem evitar doenças e catástrofes e ajudar a prover os meios de sustentação”. A palestra conterà também com a participação do professor Je-

fferson Gomes, gerente executivo do Senai/Brasília.

O evento integra a programação do seminário que antecede e prepara o “XIV Simpósio Internacional IHU – Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades – A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea”, que ocorrerá de 21 a 24 de outubro de 2014, na Unisinos (mais informações em <http://bit.ly/17XdPIT>).

Celso Renato Peter possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. É uma das poucas pessoas que fabricou chips no Brasil vendidos em volume para o mercado. Na Unisinos, é o responsável pela construção do ITT CHIP – Instituto Tecnológico de Semicondutores Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Do ponto de vista didático, como as engenharias atuam em prol da sociedade?

Celso Peter – Eu costumo dizer que um engenheiro é o profissional que mais pode fazer algo em prol da sociedade, em algumas circunstâncias mais que um médico, por exemplo, porque as engenharias atuam na solução e na prevenção, podem evitar doenças e catástrofes e ajudar a prover os meios de sustentação. A implantação de saneamento básico, com tratamento de água e esgotos pode evitar muitas doenças. A tecnologia aplicada à agricultura gera alimento em quantidade suficiente para a população crescente e a indústria cria os empregos necessários. O pro-

blema a ser resolvido é o acesso e a distribuição equânime dos benefícios gerados pela tecnologia. Os engenheiros precisam passar a se preocupar mais fortemente em como tornar as tecnologias mais acessíveis. Este é um desafio que os engenheiros não conseguirão vencer sozinhos, mas já seria um bom começo formar profissionais com esta visão.

IHU On-Line – Como aproximar as ciências exatas – como a microinformática – de aspectos mais humanos – como a vida das pessoas, por exemplo?

Celso Peter – A microinformática é um bom exemplo de como é possível aproximar a tecnologia das pessoas.

No início, os computadores eram feios para usuários especializados apenas. Era necessário conhecer linguagens de programação e saber programar. Com o desenvolvimento de interfaces gráficas, hoje praticamente qualquer pessoa pode usar um computador. Ainda há muito a ser feito, tem um vasto campo de oportunidades abertas, principalmente na área de software, para desenvolver ferramentas que facilitem a vida das pessoas. As interfaces homem/máquina ainda podem melhorar muito. O preço dos bens de informática continuará caindo, de forma que o custo não será mais uma barreira ao acesso, mas a falta de conhecimento ou o medo do computador sim. Muitas pessoas no Brasil não têm conta

em banco porque não sabem ou têm medo de usar uma senha eletrônica. A tecnologia tem meios de resolver isso, por exemplo, criando interfaces que não necessitem de digitação de senhas. Outra forma de resolver isso, talvez a mais eficaz, é através da educação, aproximando a tecnologia da vida das pessoas desde cedo. Para tanto, é necessário melhorar a educação, prover o acesso à microinformática desde cedo. Ou seja, são dois caminhos: facilitar o uso e remover o medo, ou desconhecimento, através da educação.

IHU On-Line – Em que aspectos a pesquisa aplicada contribui para melhorar a vida das pessoas e não somente os negócios do mercado?

Celso Peter – A pesquisa aplicada, ou os seus resultados, sempre contribuem para melhorar a vida das pessoas. O problema é saber quem terá o acesso a esses resultados. Pesquisa tem custo, então se não houver retorno se torna inviável. Nesse sentido, as grandes empresas investem em pesquisas que darão maior retorno, sem se preocupar necessariamente em melhorar a vida das pessoas. Neste caso, cabe ao poder regulador do Estado e às entidades representativas da sociedade, como as universidades e instituições de pesquisa sem fins lucrativos, o papel de disponibilizar o conhecimento para a maioria da sociedade, principalmente naqueles setores onde o mercado não propicia retorno suficiente para se autofinanciar. Isso ocorre em alguns setores, como o da saúde, por exemplo, em que o mercado para algumas soluções de diagnóstico ou cura não é suficientemente grande para repor os investimentos. Ocorre também nas fronteiras tecnológicas, onde as tecnologias ainda não estão suficientemente maduras, possuindo alto grau de risco. A solução é o Estado definir prioridades e reduzir os riscos através de financiamentos e incentivos fiscais, por exemplo.

IHU On-Line – Os semicondutores promoveram grandes mudanças em nossa sociedade? Quais?

Celso Peter – Os semicondutores provocaram a grande revolução das

“Os semicondutores provocaram a grande revolução das últimas décadas. São os responsáveis diretos por estarmos na era da informação hoje em dia”

últimas décadas. São os responsáveis diretos por estarmos na era da informação. Sem os semicondutores não haveria satélites, computadores e internet. Os semicondutores estão em toda a parte. Nem percebemos, mas utilizamos, em média, 50 microprocessadores diferentes por dia. Os semicondutores também são responsáveis por um grande aumento na produtividade em praticamente todos os setores da indústria através da automação e melhorias na capacidade de controle dos processos fabris. Os semicondutores permitem a automação, que permitem o aumento de volume, de escala de produção, que reduzem os custos e permitem o acesso de um número maior de consumidores a bens mais sofisticados como, por exemplo, automóveis, televisores e celulares.

IHU On-Line – Como podemos pensar o futuro a partir da microeletrônica?

Celso Peter – A presença da microeletrônica em nossas vidas será cada vez maior, mas não necessariamente perceberemos isso. Estamos chegando à era da “internet das coisas¹” em que os objetos trocarão in-

formações entre si sem a nossa intervenção. Isso tornará os equipamentos e sistemas mais inteligentes, mais práticos, econômicos e eficazes também. Por exemplo, se a máquina de lavar roupas se comunicar com o medidor de energia ela poderá ligar apenas no momento em que a energia for mais barata. Se os automóveis em uma rodovia se comunicarem com os automóveis vizinhos eles não colidirão, mesmo que os motoristas cometam erros.

IHU On-Line – Em sua avaliação, as tecnologias tornaram nossa vida melhor em qual sentido?

Celso Peter – Nos últimos 100 anos a expectativa de vida praticamente dobrou, de 45 anos para 75 anos. Isso ocorreu graças ao avanço tecnológico em todas as áreas. Saúde, saneamento, alimentação e educação melhoraram e se tornaram acessíveis devido a avanços tecnológicos como os antibióticos, o aumento da produtividade através das máquinas e da automação e a tecnologia da informação, computadores e internet. Vivemos mais e com menos sofrimento graças à tecnologia.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Celso Peter – Existe tecnologia já desenvolvida para enfrentar os grandes problemas da humanidade, como o aquecimento global e o fim dos combustíveis fósseis. Os desafios que precisam ser vencidos ainda são o custo destas tecnologias em alguns casos e o acesso universal a elas em outros. Ou seja, são barreiras políticas e econômicas que precisam ser removidas.

blicada nas notícias do dia 14-01-2012, disponível em <http://bit.ly/x5v34l>
O desafio da internet das coisas. Publicada nas notícias do dia 01-06-2007, disponível em <http://bit.ly/116Cuht>
Internet das coisas: “Os benefícios são inúmeros”. Entrevista especial com Luiz Adolfo. Publicada nas notícias do dia 15-01-2010, disponível em <http://bit.ly/116ChLf>
Nuvem, internet das coisas e internet semântica. Publicada nas notícias do dia 14-03-2011, disponível em <http://bit.ly/116Cuht>
O desafio da internet das coisas. Publicada nas notícias do dia 01-06-2007, disponível em <http://bit.ly/116Cuht>

1 A Internet das coisas ganha vida. Pu-

A pessoa na era da biopolítica

Impasses éticos e limites aceitáveis nas interferências do corpo são aspectos a serem levados em consideração, pontua Heloísa Helena Barboza. Indivíduos passaram a se apropriar de modo diferenciado de seu corpo, o que impacta em sua subjetividade e autonomia

POR RICARDO MACHADO E MÁRCIA JUNGES

Ser pessoa na era da biopolítica “é ser objeto da política, é ter a sua vida inteiramente regida pelos interesses (e ‘sabores’) da política”, menciona Heloísa Helena Barboza, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. As novas tecnologias aplicadas ao sujeito e à sua corporalidade causam impactos inéditos que provocam “conflitos que devem ser resolvidos sem afronta aos altos valores morais que, não raro, são postos em jogo”, observa. A professora abordará o tema “A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade” hoje, dia 20 de maio, das 17h às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Mais informações: <http://bit.ly/13JT2jU>

Heloísa Helena Barboza é graduada e doutora em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca com a tese *Procedimentos para redesignação sexual: um processo bioeticamente inadequado*. É livre docente pela UERJ, onde leciona na Faculdade de Direito. Entre outros, é autora de *A filiação em face da inseminação artificial e da fertilização in vitro* (Rio de Janeiro: Renovar, 1993). Com Maria Celina Bodin de Moraes e Gustavo Tepedino escreveu *Código Civil interpretado conforme a Constituição da República – volume I (arts. 1º a 420)* (2ª ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2007).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos pensar a autonomia do corpo e da subjetividade na contemporaneidade?

Heloísa Helena Barboza – Este tema é pensado desde a Antiguidade, como esclarece Foucault, à evidência sob diferentes aspectos e designações. Os avanços da biotecnologia, da biomedicina, enfim, das ciências em geral no século XX permitiram interferências no corpo até então não consideradas possíveis. Surgiram assim novos meios de conhecimento e modificação do corpo que passaram a ser utilizados não só pela medicina, como pelo próprio indivíduo, principalmente na construção de sua subjetividade, ampliando o âmbito de exercício de sua autonomia.

IHU On-Line – Que implicações bioéticas podem ser percebidas diante deste novo cenário?

Heloísa Helena Barboza – Neste novo cenário profundas questões bioéticas estão postas, na medida em que se indaga, cada vez com maior frequência, quais os limites aceitáveis ou ao menos razoáveis dessas interferências do corpo, quer as de natureza médica, quer as que atendem o interesse ou desejos do indivíduo. Dito de outra forma, o que pode ser feito ou admitido em face dos valores morais vigentes.

IHU On-Line – De que maneira as novas tecnologias impactam em aspectos bioéticos da contemporaneidade?

Heloísa Helena Barboza – A bioética é o campo por excelência de debate das questões éticas provocadas pelos efeitos da aplicação dos recursos biotecnológicos. Por conseguinte, as altas indagações que daí surgem, tais como as decorrentes de altera-

ções do corpo que permitem a mudança do sexo/gênero, constituem um desafio para os princípios da bioética, que deverá apresentar a orientação adequada para atender os interesses individuais e sociais em conflito, à luz dos valores que devem ser preservados. O impacto maior resulta exatamente do fato de se tratar de situações inéditas que provocam conflitos que devem ser resolvidos sem afronta aos altos valores morais que, não raro, são postos em jogo.

IHU On-Line – Qual o papel da institucionalização/legalização dos direitos humanos tendo como perspectiva a questão da homossexualidade e transexualidade – já que a medicina permite a transgenitalização? Que direitos seriam estes?

Heloísa Helena Barboza – A homossexualidade e a transexualidade, embora sejam pertinentes ao am-

plíssimo campo da sexualidade, são temas que apresentam questões diferentes e demandas diversificadas. Convergem, contudo, em um aspecto fundamental: ambos afrontam o sistema vigente que rege a relação sexo/gênero e que é heteronormativo. A não observância desse sistema provoca a discriminação e a exclusão das pessoas que não o adotam, o que resulta inevitavelmente em cerceamento de direitos. O reconhecimento e o respeito aos direitos humanos (e/ou fundamentais) dessas pessoas é imperativo, mas só têm ocorrido após árdua luta, inclusive no meio jurídico. Esses direitos são todos os reconhecidos a qualquer ser humano e que não podem ser negados apenas em razão do não cumprimento das regras estabelecidas pelo sistema que prevê a congruência necessária entre sexo / gênero / heterossexualidade.

IHU On-Line – O que significa ser pessoa na era da biopolítica?

“A bioética é o campo por excelência de debate das questões éticas provocadas pelos efeitos da aplicação dos recursos biotecnológicos”

Heloísa Helena Barboza – De maneira muito resumida, se pode dizer que ser pessoa na era da biopolítica é ser objeto da política, é ter a

sua vida inteiramente regida pelos interesses (e “sabores”) da política, que nem sempre (ou – infelizmente – com frequência) não está voltada para os problemas e interesses humanos. Como destacou Foucault, a vida de ser vivo é o que está em questão na política do homem moderno.

IHU On-Line – Quais são os desafios de nossa sociedade para avançarmos em rumo mais humano e ético?

Heloísa Helena Barboza – Considerando que vivemos plenamente na era da biopolítica, muitos são os desafios. Talvez o maior deles seja identificar, analisar e enfrentar esses problemas à luz dos valores humanos e não apenas de interesses de outra ordem, como os econômicos ou financeiros. Nessa linha, preciso dar maior visibilidade a diversos problemas humanos ainda ignorados, para que possam ser examinados e debatidos na busca de soluções eticamente aceitáveis.

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu

Retrovisor

Relembre algumas das edições antigas da Revista IHU On-Line.



A “História da loucura” e o discurso racional em debate

Edição 364 – Ano – XI – 06-06-2012

Disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>

Discutir a atualidade de *História da loucura*, de Michel Foucault, é o tema das entrevistas com César Candiotto, Augusto Bach, Andrea Scisleski, Celso Kraemer, Alfredo Veiga Neto, Jean-François Bert, Philippe Artières e Guilherme Branco. A obra, lançada em 1961, segue atual para diversas áreas do conhecimento.

A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?

Edição 303 – Ano – IX – 10-08-2009

Disponível em <http://bit.ly/YJ5pM8>

A ética da psicanálise é o tema inspirado pelo Colóquio Internacional **A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?**, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009. Contribuem nesta discussão vários conferencistas e debatedores do Colóquio: Ernildo Stein, Martine Lerude, Paul Valadier, Aurélio Souza, José Zuberman e Maria Marta Heinz.



Uniãos homoafetivas. A luta pela cidadania civil e religiosa

Edição 253 – Ano – VIII – 07-04-2008

Disponível em <http://bit.ly/10puzz0>

As homossexualidades estão cada vez mais presentes no debate público. O tema é compreendido cada vez mais no plural e abrange um amplo campo de auto-percepções e práticas de vida. Assim, a homossexualidade, entendida como atitude e característica que marca uma identidade, é um conceito novo do ponto de vista histórico. A luta pela cidadania religiosa e civil das uniões homoafetivas desafia o conjunto de uma sociedade que identifica os homossexuais com o excesso sexual, com o puro prazer e como destruidores da ordem hierárquica natural, ou entendida como tal. Contribuem para essa discussão Luiz Mello, Rui Portanova, James Alison, Juan Masiá, Darío García, Luís Corrêa Lima, Antonio Trasferetti, André Musskopf, Nancy Cardoso e Erik Borgman.



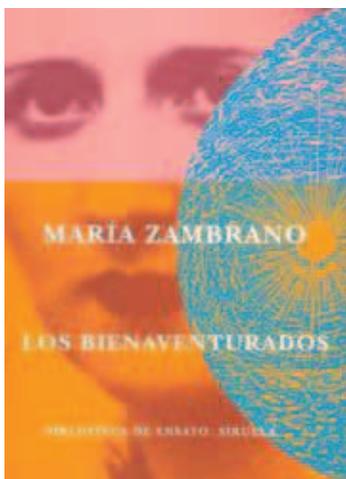
BUCK, Pearl S. *A boa terra*. Trad. de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

A escritora Pearl S. Buck, Prêmio Nobel de Literatura (1938), conta em seu livro *A boa terra* a cativante e emocionante história de Wang Lung e sua família na China pré-comunista. Nessa China, Wang Lung vive a personagem de um camponês que desde jovem trabalha duramente no cultivo da terra de seus pais, sempre exposta aos bons e maus tempos e ventos. Quando o tempo é propício, as plantações

florescem e as colheitas são fartas, mas o quando o tempo é ruim, as plantações morrem e não há colheitas; e o povo, sem ter o que comer nem o que fazer, se vê reduzido à miséria, lançando-se, assim, a movimentos migratórios e de revolta. Wang Lung dedica-se sempre a sua boa terra, convencido de que, como no poema de Hesíodo, apenas com “trabalho sobre trabalho” pode conquistar seu quinhão na vida. A terra é tudo, mãe e destino da vida e morte dos homens. Paralelamente a esta história de luta e amor de Wang Lung com a terra, Pearl S. Buck, conta também a história das relações de homens e mulheres naquela China patriarcal. Quando nascem, as filhas de camponeses são tidas como “escravinhas” e são, de fato, muitas vezes ou transformadas em escravas do lar ou vendidas ainda crianças para senhores e poderosos, para que possam ganhar dinheiro ou simplesmente permitirem que elas possam sobreviver. Wang Lung é retratado como homem tradicional, entretanto, também um homem diferente, pois, em todas as situações, mantém uma relação com as mulheres atípica e afetiva, talvez pouco convencional. Quanto às amantes, as trata com respeito e devoção. A pequena filha – que depois se descobre ser “retardada” – nunca é abandonada por ele, a quem se dedica até o fim de sua vida. Ao mesmo tempo, reconhece, com ternura, o enorme valor de sua mulher e quanto devia a ela seu poderio. É, pois, em torno da relação com a terra e a mulher que Pearl S. Buck traça a audaciosa trajetória de Wang Lung na longínqua China agrária e patriarcal do início do século XX.



Celso Candido de Azambuja, professor de Filosofia na Unisinos.



ZAMBRANO, Maria. *Los Bienaventurados*. Madrid: Siruela, 1990.

“Neste momento, nas janelas intemporais das leituras obrigatórias pelo ofício de pesquisador, estou relendo a obra de Maria Zambrano, *Os bem-aventurados*. Zambrano é uma pensadora, filósofa, espanhola contemporânea (1904-1991). Viveu a maioria da sua existência no exílio imposto pelo fascismo franquista. Ela fez do exílio, que tanto marcou a sua vida, a marca existencial de esta obra, *Os bem-aventurados*. Maria Zambrano, discípula de Ortega e Gasset e Zubiri, mergulhou no exílio como categoria filosófica da existência humana. A condição do exilado é a do desamparo. O exilado, sempre estrangeiro e estranho em todo lugar, tem que aprender a fazer de qualquer lugar a sua casa. Uma casa sempre provisória, pois o exílio torna tudo contingente, fugidio, como a própria existência humana. O exílio é a imensidão... do abandono, das incertezas, mas também da esperança. Bela leitura para compreender realidade política dos exilados de hoje e a condição humana de sempre.”



Castor M. M. Bartolomé Ruiz, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos e coordenador da Cátedra Unesco-Unisinos de Direitos Humanos e Violência, Governo e Governança.

Igreja, Cultura e Sociedade. A publicação dos textos das conferências do XIII Simpósio IHU

De 2 a 5 de outubro de 2012, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o XIII Simpósio Internacional IHU: Igreja, cultura e sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica. No 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II, foram debatidas as várias formas e possibilidades de interlocução da Igreja com a sociedade e a cultura contemporânea.

Os textos das grandes conferências realizadas no evento estão sendo publicados pelo IHU, nos Cadernos Teologia Pública, como uma forma de subsídio à continuidade do debate sobre o tema.

“Rumo a uma nova configuração eclesial” é o título da 71ª edição dos Cadernos Teologia Pública, que apresenta o texto de Mário de França Miranda, professor-associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



A 74ª edição dos Cadernos de Teologia Pública publica o artigo intitulado “O seguimento de Cristo numa era científica”, de Roger Haight, ex-presidente da Sociedade Teológica Católica dos EUA. Acesse o link <http://bit.ly/13Kj7PG> e faça o download desta edição em formato PDF.

Já a 75ª edição publica o artigo de Peter C. Phan “O pluralismo religioso e a igreja como mistério. A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa”. O autor é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma e em Filosofia pela Universidade de Londres. Atualmente é professor na Universidade de Georgetown. O texto está disponível no link <http://bit.ly/12IGP37>.



A publicação mais recente (número 76) é do artigo “50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro”. O autor é José Maria Vigil, teólogo espanhol. Acesse o link <http://bit.ly/Ys7cr3> e faça o download desta edição em formato PDF.

Estão sendo preparados para publicação em breve os textos das conferências com Christoph Theobald e George Coyne. O artigo de Theobald sairá nesta semana.



Os Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridos diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU ou solicitados pelo endereço humanitas@unisinos.br.